BiZZ

ROBERT PLANT
DO LED ZEPELLIN À MATURIDADE

ESTILO
QUEM FAZ A MODA POP/ROCK NO BRASIL

SOUL ASYLUM

ENTREVISTA E FICHA COMPLETA

SEPULTURA

EXCLUSIVO: TUDO SOBRE O NOVO DISCO E A NOVA VIDA NO EXÍLIO

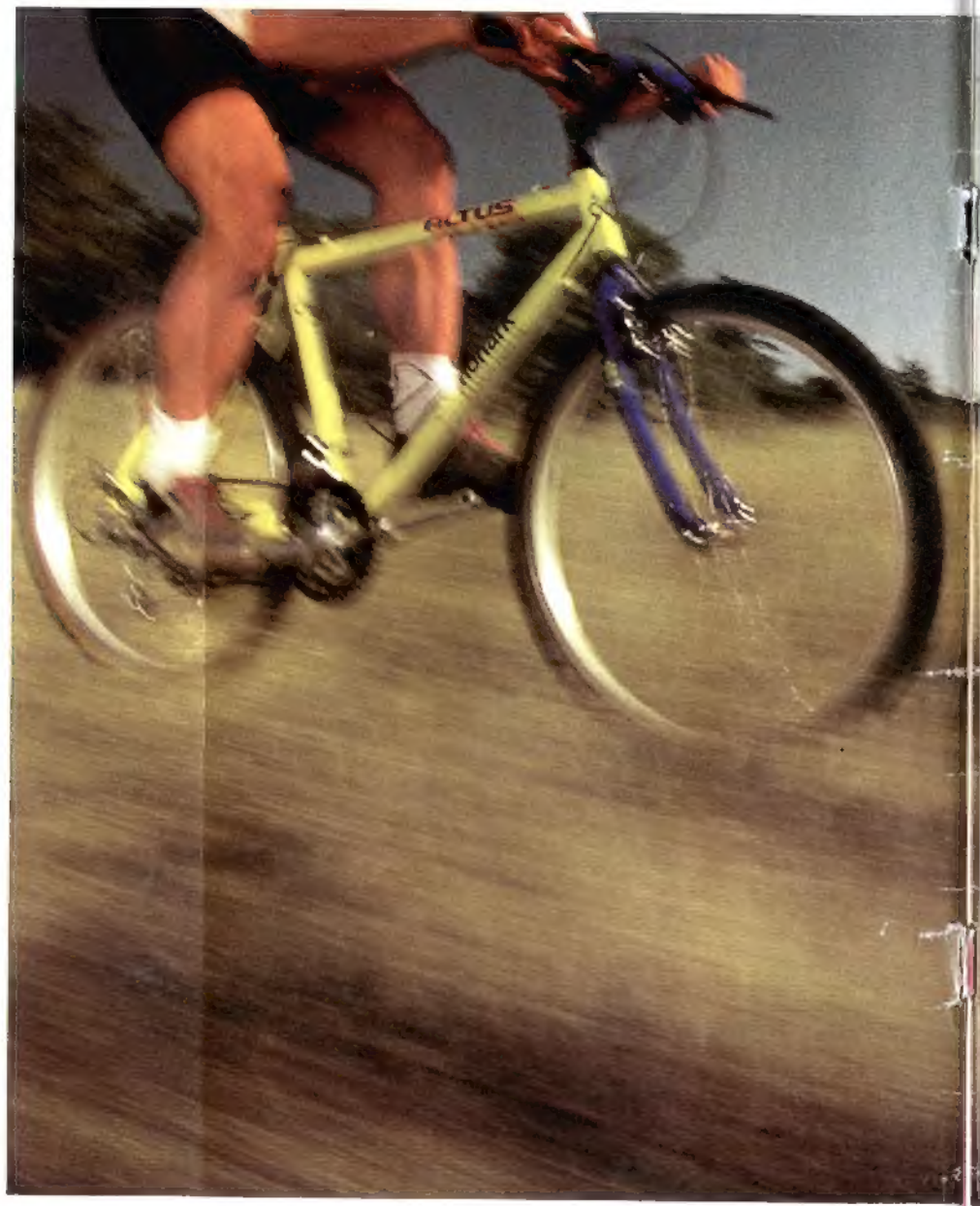
MAIS: NIRVANA - ERIC CLAPTON - CAETANO & GIL - FUGAZI - PRIMUS - OLODUM NA EUROPA

ISSN 0104-164X
9 770104 164007 00098

Design e Cores
A Monark combinou o mais arrojado design com as mais modernas cores cítricas que uma Mountain Bike pode ter. Você pode escolher o Quadro em amarelo ou vermelho contrastando sempre com o azul do Guarda-lama e do Guidão.

Freios M. System
Esse sistema de freios é o mais avançado de seu tipo. Foi desenvolvido pela Shimano e garante total segurança e precisão em hora de frenagem, tanto em trilhas esburacadas como em terrenos arenosos ou com molhados.

Cubo Cassete
A Monark Altus vem equipada com o Grupo Shimano C10, que traz o sofisticado sistema Cubo Cassete. Além de garantir maior segurança para você, ele também facilita a manutenção e a durabilidade da sua Mountain Bike.



COMO FIXAR
O HOMEM
NO CAMPO.

DM9

LINHA MOUNTAIN MONARK

monark
VOCÊ
CHEGA LÁ.

editorial

O Collor tentou, mas quem mudou mesmo o Brasil foi o Sepultura. Exato. A existência e o sucesso crescente (e merecido) deles é o tipo de coisa que inverte a lógica bodeante deste país. Aquela insistência no "não dá", "não tem jeito", "é caro", "não vale a pena".
O Sepultura é extremamente moderno.

Venceu pela iniciativa pessoal, amparado numa rede de comunicação informal-solidária e – claro – alavancado pelo talento de seus integrantes.
Mais: eles conseguiram vencer sem abdicar nunca de sua independência, ainda que hoje o grupo esteja ligado a uma grande gravadora.

Se o Brasil der certo, esse é a opção a ser escolhida.
Sigo o exemplo de independência deles mas fazendo o caminho inverso: deixo uma grande empresa e uma grande revista para começar um novo projeto. Troco o melhor emprego que já tive pela maior aventura que um jornalista pode experimentar no Brasil – montar seu próprio negócio. Boa sorte para mim e para a BIZZ – minha maior escola.
Boa sorte para a redação mais fodona do país e obrigado a vocês, leitores, que me aturaram quando eu não sabia nada (e quem disse que sei alguma coisa agora?).
Alea jacta est. Let's rock'n'roll.
ANDRÉ FORASTIERI

Ilustração: Spelo

BIZZ

24
ROBERT PLANT, a ex-voz do Led Zeppelin, mostra que não vive do passado, retornando às raízes sem saudosismos no disco *Fate Of Nations*

28
De Minneapolis, a "Seattle" dos anos 80, o SOUL ASYLUM surgiu com seu hard pop e, dez anos depois, alcança finalmente o sucesso

34
ROCK CARIOCA Já deixou há tempos de tratar de "chopp & batatas fritas"... Por isso, eis uma seleção dos sons mais radicais da terra do samba

40
Esquentando as turbinas para o lançamento do novo disco, o SEPULTURA recebeu Anamaria G. de Lemos para uma entrevista exclusiva

ESTILO: O que você veste tem tudo a ver com aquilo que você ouve. Tem alguma dúvida? Pois sinta as relações entre o visual e a opção musical

capa foto: Kevin Estrada fundo: Matangra

este mês

SHOWBIZZ
8 Conheça a tecnologia do rock interativo
11 Quem são os pestinhas Beavis & Butthead
12 Um papinho com The Reverend Horton Heat
13 DJ Sasha e o projeto World Connection
14 Roland Orzabal e o "novo" Tears For Fears
18 Brother Rapp
19 Little Quail And The Mad Birds
22 Olodum na Alemanha
22 Paul Westerberg, ex-The Replacements, solo

LANÇAMENTOS
48 *In Utero*, do Nirvana, por Celso Pucci
50 Caetano e Gil, Primus, Ira!, Ultraje A Rigor
56 Bolsa De Discos + Parada
58 Punk em vídeo, Jagger & Hendrix em livros

ZONA FRANCA
60 Fugazi, Babes In Toyland, Grant Lee Buffalo eletropop do selo alemão Subway

REPLAY
64 The Beach Boys, Eric Clapton, Peter Hammill, Moby Grape, blues do selo Alligator e Adoniran!

CARTAS
72 Leitores versus leitores

DISCOTECA BÁSICA
74 # 1 *Record/Radio City*, do Big Star

agora arranje um jeito de ter 2,10m.

adidas attitude

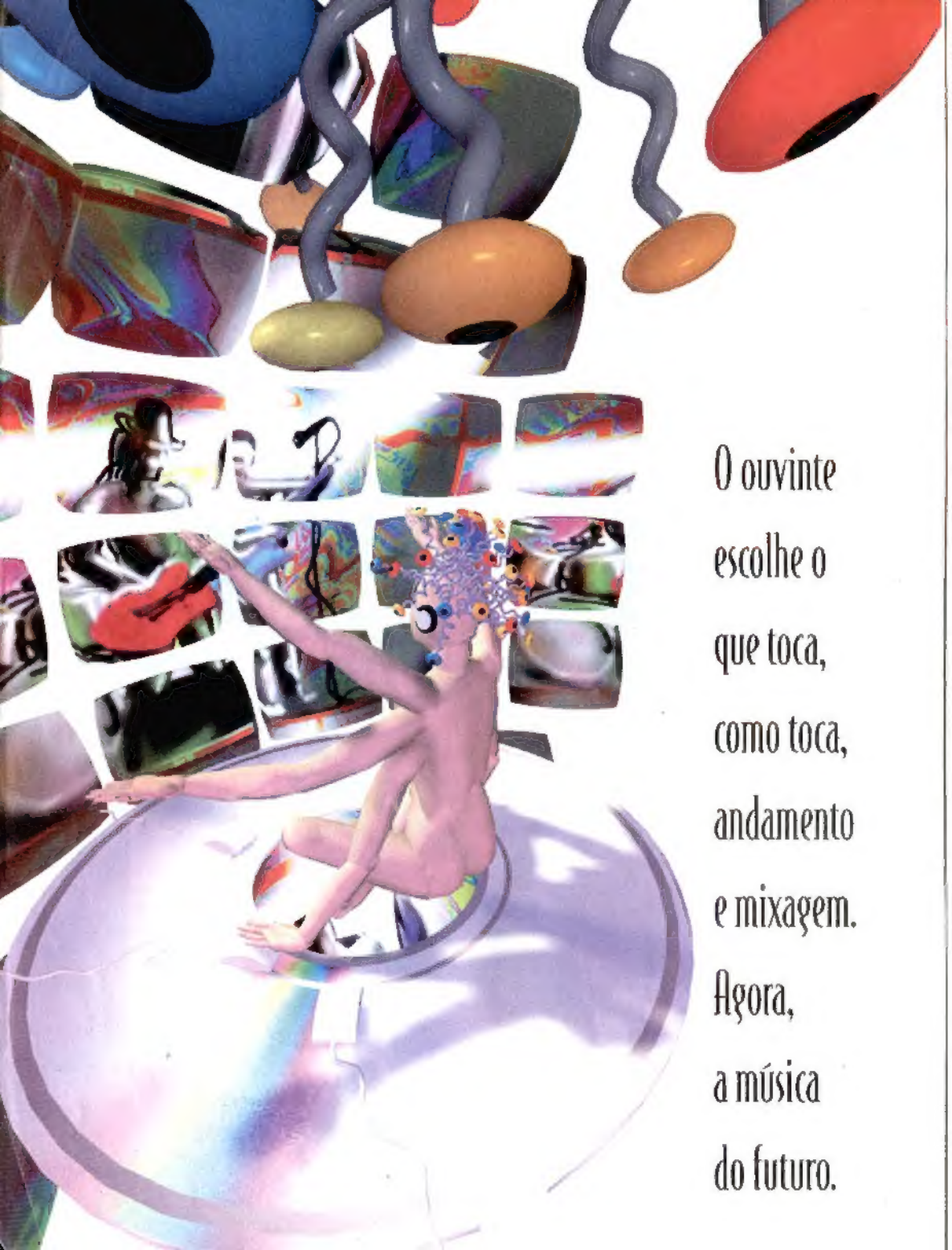
Pode ser que você não seja perfeito para jogar basquete, mas o Adidas Equipment Basketball é. Ele tem várias inovações tecnológicas. Começando pelo solado exclusivo da Adidas com entressola em EVA de dupla densidade e aplicação de Dynaprene®, que deixa o tênis mais leve e amortece melhor os impactos. Outra novidade é a bota removível de neoprene. Ela complementa o amortecimento, elimina o atrito do pé com o tênis e absorve a transpiração. E pra você não se cansar de usar o mesmo tênis, a bota vem em duas cores pra você trocar a cor do seu Adidas Equipment Basketball quando quiser. Adidas Equipment Basketball. Finalmente um tênis a sua altura.

adidas streetwise

adidas equipment basketball. você compra o tênis titular e leva uma destas botas reservas junto.

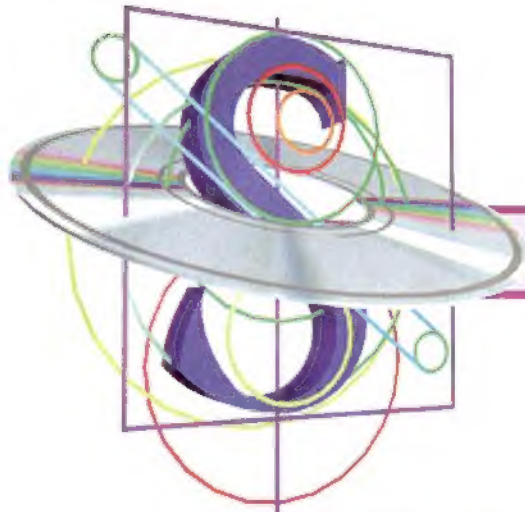
adidas

adidas equipment



O ouvinte escolhe o que toca, como toca, andamento e mixagem. Agora, a música do futuro.

Ilustração Eli Shimda



howbizz

ROCK INTERATIVO

O rock mudou. E mudou muito mais ainda sua relação com ele. Antes, você assistia a um show ou ouvia um disco – dançando, pulando ou tremendo de emoção, não importa, era uma atitude passiva, reativa. Agora, no entanto, você será capaz de interferir na música que ouve, será capaz de selecionar interpretações visuais para ela – uma atitude ativa, se você já não percebeu. Ou, usando o termo próprio, interativa.

Bem vindos ao futuro. E ao rock interativo. Medalhões dados a abrir picadas criativas áudio-visuais (como Peter Gabriel, David Bowie e Todd Rundgren), campeões de bilheteria e de parada (U2), vanguardistas sumidos (Devo) ou permanentemente "udigrudi" (The Residents). Até mesmo figuras do segundo escalão – os renascidos Edgar Winter e Thomas Dolby, o eterno punk de butique Billy Idol –, todos estão sendo os pioneiros na exploração das possibilidades do rock interativo: o rock no qual você interfere.

Através da nova tecnologia interativa, esses artistas agora criam CD-ROMs ou CE-Is que extrapolam os limites da música e estabelecem os alicerces do que pode ser comparado a uma MTV futurista, de novíssima geração, onde você preside sobre todos os trabalhos: o que toca, como toca, em que andamento, com que mixagem, com que visual acompanhando.

"Espero que essa tecnologia permita às pessoas perceberem como elas têm o direito e a habilidade da auto-expressão" disse Peter Gabriel numa entrevista à revista *Wired*, uma das principais tribunas do novo formato. "Tanto quanto qualquer um categorizado oficialmente como artista".

Gabriel é um dos primeiros do rock a chegar nas lojas com um CD-ROM criado em parceria com um disco, no caso o álbum *Us*. Peter preparou *Explora*, que não apenas inclui todos os clips filmados para promover o disco, mas também uma "excursão" interativa dos estúdios de áudio e vídeo do artista, apresentada pelo próprio Gabriel, mais uma panorâmica do WOMAD, o festival de *world music* que ele vem promovendo desde meados dos anos 80.

Mais ousado e definitivamente mais pirado é o *The Freak Show* do grupo The Residents, donos de um talento visual que já foi parar no acervo permanente do Museu de Arte Moderna, de Nova York.

Baseado num álbum lançado em 90, este CD-ROM nos transporta para um circo habitado por aleijões monstruosos. Com a ajuda do *mouse* do computador, entramos em cada tenda e conhecemos os segredos de cada personagem do circo.

Por sua vez, Edgar Winter – irmão caçula de Johnny Winter e ultimamente fora de ação – se confessa renascido graças à nova tecnologia para ele "capaz de dar ao público a mesma sensação criativa que eu tenho quando faço um disco". Ele está gravando em casa, no "estúdio" contido no disco de seu Macintosh, um disco interativo onde qualquer um escolherá o instrumento a solar e que solo o instrumento fará.

Outro renascido é o Devo, com uma proposta revolucionária: Jerry Casale, baixista, vocalista e cérebro da banda desde 72, quer ressuscitar o Devo em versão virtual. Ao invés de ser uma entidade de carne, osso e instrumentos, o grupo existiria apenas eletronicamente, dentro de um CD-ROM. Parte deste plano é uma associação com a Voyager Company – firma de Santa Monica, na Califórnia, especializada em *laserdiscs* e CD-ROMs *state-of-the-art* – donde já nasceu *The Complete Truth About De-Volution*, um "rockumentário" interativo sobre a história da banda até os dias de hoje.

JOSÉ EMILIO RONDEAU

jazz rap brazuca

O Brasil também já tem um representante de respeito na novíssima geração de jazz rap que anda assolando o mundo musical. Surgido em São Paulo há dois anos, a **UNIDADE MÓVEL** se trata de um projeto que une música, dança e moda. O grupo é formado pelos dançarinos Eugênio, Mariana Lima, Pedro Carvalho, Will Robson e pela luxuosa cantora Paula Lima. O pessoal tem como banda de apoio um trio de jazz liderado por Paulo Checolli (ex-Scowa E A Máfia e compositor das músicas do grupo). Além das canções próprias, o grupo também ataca com covers de The Brand New Heavies, The Young Disciples e Queen Latifah. CLÁUDIA LIMA

ouça essa

"Espero que a gente não tenha bichado o cara. Brincadeira, a gente não tem culpa"

De George Israel (saxofonista do Kid Abelha), a respeito do jogador Raí, que depois de gravar um clip com a Paula Toller entrou em uma tremenda maré de azar.

"Era uma cama muito grande"

O garoto australiano Brett Barnes, de onze anos, dizendo que dormiu na cama de Michael Jackson, mas que nada de "anormal" aconteceu. Segundo Barnes, cada um teria ficado em seu canto.

"O disco vai falar de bondade, espiritualidade... essas coisas que os críticos detestam e dizem que é brega"

Renato Russo, a respeito do novo disco, Descobrimento Do Brasil, para O Globo.

ANIMAÇÃO METAL

Beavis & Butthead é o desenho animado mais legal da TV americana. Desde *Os Simpsons* que não apareciam personagens tão engraçados e satíricos. Beavis e Butthead são dois moleques de quinze anos que passam os dias na frente da TV sacaneando clips e filmes. São fãs de heavy metal: Beavis usa uma camiseta do Metallica e Butthead, do AC-DC. Odeiam metal *poseur*, música romântica e tecnopop. A língua afiada da dupla já esculhambou Oingo Boingo, Duran Duran, R.E.M. e The Scorpions. Klaus Meine, o coroa cabeludo vocalista dos Scorpions, é "membro do Hair Club". Quando Michael Stipe aparece na TV, Beavis tira os calças e mostra sua bunda em sinal de protesto.

Mas é só passar um clip do Pantera, do Helmet ou do Soundgarden para os dois soltarem um comovido "cool" e começar o *mosh* no sofá. Nas horas em que não estão vendo TV, eles se divertem torturando *poodles* dentro de máquinas de lavar, jogando beisebol com sapos ou queimando a casa do vizinho.

O desenho animado passa na MTV americana e já é a maior audiência da emissora. Em agosto, a dupla foi capa da *Rolling Stone*. ANDRÉ BARCINSKI

Essa duplinha escatológica é a nova sensação da MTV americana

Carlos Pierroti

MEIA-DÚZIA DE PERGUNTAS PARA O REVERENDO

Só faltou a sétima: "você virá ao Brasil?"

THE REVEREND HORTON HEAT é o nome certo do momento: depois de um impecável segundo disco pela Sub Pop, *The Full-Custom Gospel Sounds Of...*, com produção a cargo de Gibby Haynes (dos Butthole Surfers) e bombásticas apresentações ao vivo, a fama destes texanos foge de controle, mandando bala em todos os excessos. Agora, o melhor: está em negociação a vinda do reverendo para o Brasil, ainda neste ano. Ele faria cinco shows (São Paulo, Rio, Salvador, Porto Alegre e Curitiba) e gravaria um disco ao vivo. Depois de um show em San Francisco, a banda pediu para ser entrevistada. Eu deveria ter percebido que aquilo era coisa de bêbado.

Por que gravar o disco em Memphis e não em Dallas?
Sempre que você for a Memphis, vá até Graceland e preste as devidas homenagens a Elvis.

Como o Gibby foi parar no papel do produtor?
Ele é amigo antigo, conterrâneo. O pai dele ainda faz o *Doctor Peppermint* na TV, o programa para crianças mais engraçado do mundo.

Que tipo de tempero ele trouxe como produtor?
Acho que foi o tempero da cerveja.

Vocês se consideram uma típica banda da Sub Pop?
Uma vez, tocamos em Seattle e fedíamos tanto que disseram que nós fazíamos o grunge original.

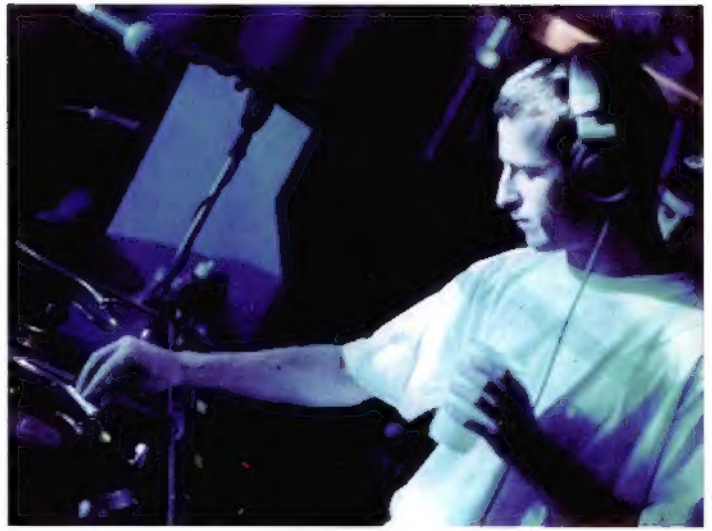
Algum feito especial do reverendo?
Fomos banidos de todos os bares de Dallas. E nem foi tão difícil assim...

Qual o mote da banda?
Compre-nos cerveja!

FÁBIO MASSARI

SWING INGLÊS

O projeto World Connection trouxe um dos pioneiros da trance music e do house progressivo ao Brasil



Flávio Marcolin

No início de agosto esteve tocando por aqui um dos propulsores da trance music e do house progressivo. Sasha, DJ e produtor inglês, foi eleito pelo DMC como o melhor nas categorias DJ e remixer em 92. Quer mais? Foi ele também o responsável por remixes de coisas que já fizeram – e ainda são capazes de fazer – muita gente dançar. Coisas como "How Can I Love U More" (M-People), "Alright" (Urban Soul), "U.R. The Best Thing" (Dream), "Peace And Harmony" (Brothers Rhythm) e essa lista chega até "Sea of Tranquility" (London Beat). Sasha veio ao Brasil para participar do projeto World Connection, que tem promovido a vinda de diversos DJs gringos. Ele tem 22 anos e teve suas primeiras lições no "Summer Of Love" inglês 88/89. Passou pelas raves, onde criou fama e ganhou o seu público, com um jeito muito especial de discotecagem, cheia de fusões musicais. "Não é o suficiente exigir que um bom DJ apenas emende as batidas". Hoje este garoto-prodígio é também produtor e responde por projetos como B.M.EX, Danny Campbell & Sasha e Hysterix (do single "Talk To Me) que ele considera o seu melhor projeto.

LOURIVAL C. S. JÚNIOR

Casseta & Planeta

Toda Nova!

Finalmente a cores!
Tudo que você não pode ver na TV

Nas Bancas

NOVOS ELEMENTOS

Roland Orzabal transforma os Tears For Fears em uma "one man band"

Sim, os Tears For Fears agora se resumem a um só: Roland Orzabal. O vocalista Curt Smith que deu um toque suave aos diversos hits dos TFF nos anos 80 está fora desde que a tampa do disco The Seeds Of Love foi fechada. Ele acaba de lançar um álbum solo, Soul On Board (Vertigo/Phonogram). Orzabal, depois da estréia solo do single "Laid So Low" em 92, está lançando Elemental, o primeiro álbum dos TFF como banda de um homem só. Roland explica porque a sua "grupo" soa tão diferente agora.

Porque Curt saiu do grupo?

Era um caminho natural. Não estavamos mais funcionando como um grupo. Eu ficava com a parte musical, artística, que é o que me dá prazer. Curt estava mais interessado na parte promocional, marketing e negócios.

Curt vinha há tempos cantando menos...

É, foi algo que foi diminuindo com o desenrolar dos anos. Meu modo de compor mudou e eu também trouxe Oleta Adams.

Vocês resolveram a questão do nome da banda pacificamente?

Bom, nem falamos muito sobre isso. Não foi nada importante. Curt não quis ficar com o nome, nem seguir o que eu estava fazendo.

***Elemental* parece trazer referências a Curt em várias músicas. "Fish Out Of Water", por exemplo, fala em duas pessoas que dividiam seus ideais quando eram jovens e depois se afastaram. Um fica fiel ao seu início, o outro se entrega às futilidades. Você se refere a Curt?**

Bom, isso seria revelar o segredo, não? (risos) Pode ser que sim...

Sobre o que é a música então?

Peixes!

Ah, peixes fora d'água, sei...

É sobre nós, como e onde começamos. "Lutamos para ficar ricos, famosos e fazer psicoterapia." É assim que começamos. Mas durante o caminho fomos parar em mundos diferentes. Eu fiz a terapia por seis anos. Já Curt foi aprender a andar de helicóptero.

Esse disco soa muito mais agressivo do que os anteriores. Não há nada tão pop como "Advice Of The Young At Heart". Você soa meio bravo ou até amargo.

Não queria fazer coisas como aquelas de novo. Era muito banal. Queria sair da acomodação, ter um pouco mais de emoção, de agressividade. Há amargura, mas dá para fazer algo amargo soar doce, *bitter sweet*, não é uma emoção ruim. Se você transcende isso e vai parar no território da banalidade, não está pegando o sentido. Tem que abraçar essas coisas e tentar trabalhar em cima delas. Requer culhões.

Você não gosta mais desses discos anteriores ou aquilo foi uma outra fase.

Não, tem a ver com lidar com diferentes áreas dentro da música. É o caminho para quem já tentou tudo o que é possível. Fiz mais escolhas entre o que gosto e o que tenho com que conviver. Mas considero "Goodnight Song" parecida com "Advice Of The Young At Heart".

***Elemental* está cheio de sons esquisitos e efeitos bizarros. O melhor exemplo disso é a instrumental "Gas Giants". Depois tem uma música chamada "Brian Wilson Said". Qual a conexão?**

Brian Wilson (dos *Beach Boys*) foi um desses caras que transformaram a música pop numa forma de arte. E são poucos. A maioria que nos cerca é realmente superficial e descartável.

Mas pop é isso, não?

Com certeza, mas existem aqueles que vem e... (*longa pausa*) como é a palavra?... transformam o pop numa forma de arte, como John Lennon, que agradam a todos, não só aos mais jovens.

Você costuma demorar bastante para fazer um disco novo. Porque?

Por vários motivos. Sempre acontece alguma coisa tipo a banda se separa. Depois de *Songs From The Big Choir* perdemos nosso produtor, nosso tecladista, que junto comigo foram os grandes responsáveis pelo disco. Desta vez foi o Curt que saiu. Fora isso, eu perco muito tempo compondo, não pego a primeira idéia que aparece e uso, gosto de trabalhar em cima.

Você tem boas memórias da sua excursão brasileira (*durante o Hollywood Rock de 88*)?

Claro. A coisa inteira foi uma boa lembrança. Foi um lugar divertido de tocar, o público era impressionante, o tempo era maravilhoso. O mais incrível foi a organização de tudo, perfeita. Tocamos no festival de Knebworth (Inglaterra), que não chegou nem perto em organização.

A Argentina e o Brasil estão na rota de sua próxima turnê?

Não temos nada acertado para a próxima turnê ainda. Ainda estamos à espera de um convite.

CAMILO ROCHA

SÓ LANCAMENTOS!

REF.T17 REF.T21 REF.T11 REF.T20

REF.T18 REF.T19 REF.T22 REF.L28

CAMISETÃO FC (T)
CR$ 1.760,00
Tamanhos M e G

CALÇA (L)
CR$ 2.310,00
Tamanhos M e G

REF.L25

"VENHA CONHECER NOSSA LOJA!! R. CAPOTE VALENTE, 242."

PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES

FAX: (011) 881 9789

NEW ROCK

FONE: (011) 280 2952

REF.B39 REF.B37 REF.B41 REF.B42 REF.B43 REF.B38 REF.B36 REF.B35

REF.372 REF.375 REF.378 REF.377

REF.373 REF.379 REF.366 REF.376

BONÉ (B)
CR$ 765,00

REF.B33 REF.B40 REF.B44 REF.B20 REF.B07 REF.B34 REF.B32

CAMISA CURTA (MC): CR$ 1.380,00
CAMISA LONGA (ML): CR$ 1.650,00
Tamanhos P, M e G

REF.367 REF.356 REF.361

REF.369 REF.359 REF.364 REF.363 REF.361

REF.B28 REF.B04 REF.B22 REF.B21

REF.370 REF.368 REF.382 REF.371 REF.360

COMO COMPRAR:

Envie o cupom ao lado corretamente preenchido para a NEW ROCK: Rua Capote Valente, 242, São Paulo/SP, Cep: 05409-000.
DESPESAS DE SEDEX: Devem vir acompanhadas de seu pedido em forma de cheque nominal à NEW ROCK. Os preços reidos de SEDEX são de CR$ 300,00 (Região Sudeste) e de CR$ 587,00 (demais regiões). Se as despesas forem maiores que o valor acima, a diferença será acrescentada ao valor total a pagar no Correio, ou abatidas, se forem menores.
O Correio mandará um AVISO DE CHEGADA entre 8 e 15 dias após o envio de sua carta. Você tem até 7 dias para retirar a encomenda, após receber este aviso.

TOTAL DA COMPRA - CR$	MOD.	REF.	COR	TAM.
NOME:				
END.: Nº				
CEP: FONE:				
CIDADE: ESTADO:				
RG: ASSINATURA:				

* SOLICITE CATÁLOGO COMPLETO

PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 30/9/93

REVENDEDOR EXCLUSIVO NO CENTRO DE SÃO PAULO: DEVIL DISCOS - (011) 291-2943

hollywood

THE HOLLYWOOD WAY

O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
FUMAR É PREJUDICIAL À SAÚDE.

Rui Mendes

DREADLOCKS METÁLICOS

Juiz De Fora, além de terra do presidente topetudo, é lugar onde reinam bandas cover de reggae, death metal e clones de Legião Urbana e dos Titãs.
No meio disso tudo destaca-se o BROTHER RAPP, uma mistura geral auto-denominada rastamuthafuckadeaththrash-raggamuffin'. Pesados demais para o pessoal do reggae, muito esquisitos para os headbangers locais, mesmo assim têm fãs pelo Brasil afora, incluindo Jack Endino (ver BIZZ 95).

Sandro Marçola (bateria), Luiz Nascimento (baixo), Ciro Madd (teclados), Rodrigo Zawadzki (guitarra) e Coutinho (vocal) dizem que nem tiveram essa intenção: "a mistura sai sozinha".
Isso também aparece nas letras que pregam a mistura racial. Coutinho: "Nossa formação é perfeita para uma quadrilha: dois pretos, um pardo e dois brancos. Cadeia na certa".
CONTATOS: Rua Maranhão, 10 - CEP 36060-000
Juiz De Fora/MG.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

MICHAEL JACKSON, BAD

É possível até que no momento em que você esteja lendo esta revista, a polícia tenha encontrado um porão cheio de ossos de criancinhas na mansão de Michael Jackson. Nada mais parece impossível. Que Michael Jackson não bate bem, não tenho nenhuma dúvida. Mas ainda assim, toda esse história de que o cantor teria abusado sexualmente de um menino cheira picaretagem do pai do tal criança. Mesmo que, de maneira geral, seja difícil acreditar em advogados, esse aí do Michael Jackson me parece sério quando diz que tudo seria mais uma das chantagens que o astro recebe com freqüência. Segundo o advogado, o pai da criança já havia feito chantagem contra Jackson, exigindo vinte milhões de dólares para ficar calado a respeito do suposto "abuso sexual". Ainda assim, é triste imaginar que um pai faça o filho passar por um vexame desses, mesmo por tanta grana – o ódio contra gente famosa deve contar bastante também, veja os casos Desirée versus Mike Tyson e o mais radical: Chapman versus Lennon. Qual seja a verdade, é uma história nojenta.

ROGÉRIO DE CAMPOS

CODORNINHA

E OS PÁSSAROS LOUCOS?

Rui Mendes

" 'Little Quaile'? Como o vice-presidente americano?". "Não, Little Quail, pequena codorna". Eu tentava entender. Mas que nome esquisito que o Gabriel foi arrumar para sua banda (com o baixista Zé Ovo e o baterista Bacalhau): **LITTLE QUAIL AND THE MAD BIRDS**. Quando ouvi a demo, saquei o rock'n'roll de primeira, com letras muito boas. Tudo na onda do "essa menina não quer dar pra mim...".
Eles são de Brasília e sustentam que as melhores bandas do Brasil estão lá. Diz que todos são "brothers", as bandas são amigas e frequentam os shows uma das outras. Seriam uma banda rockabilly? Eles rejeitam o rótulo. "Começamos há cinco anos, tentando fazer rockabilly, mas não tocávamos bem e ficou assim", diz Gabriel.

O Zé Ovo concorda com ele: "Antes de fazermos o grupo, o Gabriel tocava punk rock e eu hardcore".
O Bacalhau tocava em uma banda "tipo The Mission" e diz que as coisas não foram bem assim: "O rockabilly era uma coisa comum para nós três. Na verdade, era uma das poucas coisas que nós tínhamos em comum".

"É verdade", diz o Zé Ovo,"eles ouvem algumas coisas que eu não suporto: Rush, Spin Doctors... acho Nirvana uma merda, Michael Jackson é muito melhor" (os outros começam a protestar).
E fique ligado, pois Little Quail And The Mad Birds vão estar na coletânea *A Vez Do Brasil*, que será lançada em breve pela Eldorado.

ROGÉRIO DE CAMPOS

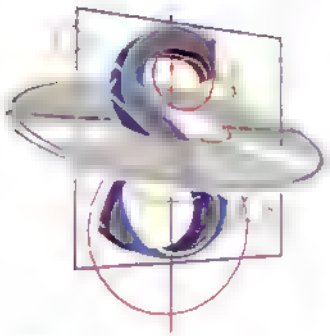
IT'S NOT ALL

Rui Mendes

OLODUM

Music Hall, Colônia

AO VIVO



Na Alemanha, você só encontra a musica do Olodum nos CDs do Paul Simon, na compilação *Bahia Black* e num *best of...*, lançado pela gravadora inglesa World Circuit. Mesmo assim, graças à sua faceta de porta-voz da consciência afro-baiana, o grupo é conhecido da midia local e está em sua quarta turnê pelo exterior, a caminho do Japão e da Austrália.

Uma proeza – são dezesseis pessoas! – que só se explica pelo apoio e patrocinio das entidades de intercâmbio cultural.

"Samba & Black Power Aus Bahia" foi o chamariz que levou cerca de mil pessoas ao Music Hall, numa sexta-feira abafada.

O publico é constituido basicamente de alemães apaixonados pelo Brasil que dançam samba como o principe Charles e "brazucas" que vivem por aqui, loucos por uma cervejinha e por afoxé.

Na abertura do show, os percussionistas detonam aquela batida que transforma qualquer sala de concerto em um Peló festivo. "Ragga-Olodum" é o mote inicial, glosado por um "Ala-la-la-la-lom" infame, puxado por um dos três cantores que sobem ao palco com um casal de dançarinos afro.

Daí para frente, o clima é de dancehall. O Olodum tem power, entretém com muito movimento e comunica-se bem com o público. Este, mesmo não entendendo, canta junto, com entonação germânica ("Afisa lá que eu fô"). Dá a impressão de que os finais das musicas estão mal ensaiados e ouço alemães dizendo que "falta melodia", mas nada compromete o alto astral do show.

Depois de duas horas de saracoteio uma pausa de quinze minutos para descansar, reabastecer e apertar uns cigarros esquisitos. Todos nós felizes e ensopados.

THOMAS PAPPON

PAUL WESTERBERG

Enfim, livre da "melhor banda de rock do mundo"

"Eu era um roqueiro", diz Paul Westerberg, os dedos manchados de nicotina acariciando mais um cigarro. "Não era para ser um musico! A pessoa fazia rock n'roll e aquilo não tinha nada a ver com musica." Ele faz uma pausa breve e conclui o pensamento. "Agora, acho que existe um equilíbrio que consigo aceitar."

Houve um tempo em que ele – o roqueiro – liderou "a melhor banda de rock'n roll do mundo" nos anos 80, se pudermos acreditar nas palavras do Trouser Press Record Guide, uma das bíblias da musica pop independente.

De 80 a 90, como vocalista/compositor, Paul esteve à frente dos Replacements, um quarteto de Minneapolis, que "resumiu toda a atitude do 'vá se foder' da juventude americana pós-punk e encontrou uma maneira de converter essa atitude num rock de três acordes gloriosamente melódico", conforme o *Rolling Stone Album Guide*.

Agora, fora da banda e após o final pouco brilhante dos Replacements, Westerberg também se permite ser um músico, participando de trilhas sonoras (ele teve um dos maiores sucessos da trilha de *Singles*, o filme de Cameron Crowe passado em Seattle, com "Dyslexic Heart") e lançando o seu primeiro álbum solo, simplesmente batizado *14 Songs*.

"Foi ótimo trabalhar sozinho num disco", explica Paul numa sala de reuniões da Warner, em Burbank, subúrbio de Los Angeles. "Foi libertador. Não é nem um pouco divertida a idéia de ter que tocar sua musica para que ela seja aprovada por outros. Durante a realização do disco, tínhamos o sentimento de banda, mas os músicos estavam no estudio para me ajudar e não para questionar a direção das minhas canções."

Paul não foi o primeiro a deixar os Replacements – a honra (duvidosa) coube ao baterista Chris Mars, hoje um artista solo bem-sucedido –, mas seu desligamento definitivo pôs um ponto final na carreira da banda. "Gostaria de conseguir resumir tudo em poucas palavras", explica Westerberg a respeito do motivo que o levou a se demitir dos Replacements, "porque sei que essa será sempre a pergunta principal das entrevistas que eu der daqui em diante. Não que eu precisasse sair, precisava era ficar sozinho. Minha ligação com a banda tinha a ver com o fato de se ter vinte anos na década de 80. Eu podia ser completamente imaturo, era uma coisa de garotão, de turma. Mas quando cheguei aos trinta percebi que não precisava mais daquilo. Me fazia bem compor sozinho."

O trabalho na trilha de *Singles* ajudou a impulsioná-lo em direção a uma carreira solo, deu "a força e a autoconfiança de que eu seria capaz de compor e ser pago por aquilo sem ter que carregar um peso de lenda do rock ou uma atitude de pop star. Fiquei maravilhado quando soube que tinham gostado das melodias que havia composto para o filme. É incrível como tudo acabou se encaixando".

JOSÉ EMILIO RONDEAU

O nosso

concorrente

está de

cara nova.

FOLHA

Não dá pra não ler

ROBERT PLANT

O HOMEM QUE ENTERROU O LED ZEPPELIN

Não é todos os dias que a gente encontra um ídolo. E não são todos os ídolos que têm mais de 1,90 m. de altura, cabelos de viking e uma presença para a qual inventaram a palavra *sex appeal*. Já posso morrer feliz. Robert Plant me chamou de *baby*.

Soube que você deu um show secreto ontem, num *pub* londrino.

Pois é, já tínhamos ensaiado bastante, mas precisávamos acertar a *set list*. Valeu a pena: imagine ver o presidente da Fontana (sua nova gravadora, após 21 anos com a Atlantic) sem camisa, suando!

Nesta altura do campeonato, um show para você ainda é uma boa notada ou virou simplesmente mais uma obrigação?

Nunca é difícil! É a única coisa que sei fazer. Fazer um disco é entediante e antisséptico, porque a espontaneidade desaparece. Você fica trabalhando numa música durante semanas. O Dire Straits uma vez passou uma semana para acertar o som da bateria. Depois disso tudo, tocar ao vivo é maravilhoso. Quando eu tocava com o Bonzo, antes do Led Zeppelin, o importante era tocar, não gravar discos. Se sua banda não tivesse um show no sábado à noite, então você não era ninguém. Estar no palco é o máximo para *rockers* velhos (risos).

Compor também é algo agradável?

É. Tenho um livrinho aqui onde guardo minhas idéias. Tenho cadernos e mais cadernos em casa, até algumas frases da época do *Led Zeppelin III* que nunca usei. Toda vez que as leio, penso "Merda, ainda estão aí!".

A palavra que parece definir seu disco novo é "orgânico", no sentido de volta às raízes. Isto era algo que você queria fazer há muito tempo?

Não,,, foi só um capricho meu. A minha personalidade musical não é esquizofrênica, é "multifrênica". Quando eu escolho uma direção musical, entro com tudo, sem pensar na questão do sucesso. Quando o Farth No More estava abrindo uns shows para mim, percebi que – apesar de adorar a banda – eu estava me enchendo dos teclados. Não só os deles, mas os da minha banda também.

Quando voltei pra casa, fui correndo ouvir Jefferson Airplane. É uma música orgânica, de verdade, porque eles entravam no estúdio e tocavam e pronto. Queria voltar a isso. Com o Led Zeppelin, a gente sempre fazia três ou quatro músicas acústicas durante um show, com o Bonzo tocando tamborim. Não há nada de novo no *Unplugged* da MTV.

Essa volta a uma música mais orgânica te obrigou a reaprender algo?

Não, porque me sinto mais confortável com ela. Essa coisa celta a qual me liguei nos anos 60 ficou no meu coração. É fácil.

Me parece que você foi ficando cada vez menos Led Zeppelin e cada vez mais Robert Plant, em termos de música.

Acho que sim. Sei que é apenas música, entretenimento, mas para mim é muito importante. O principal é que me divirta. Meu negócio é evoluir, mudar, mas manter aquela coisa especial do Led Zeppelin. Nossa intenção sempre foi desenvolver a música. Hoje, as grandes gravadoras contam com fórmulas prontas para sobreviver. Sempre foi uma luta conseguir que eu fosse tocado nas rádios. Ninguém confia em mim, comercialmente. E isso é uma vitória. Tenho um ego enorme... me lembro que uma vez um jornal me chamou de "o príncipe do antipop". Adorei. Me afasta dos Bon Jovis da vida.

ENTREVISTA **ANAMARIA G. DE LEMOS**

O que você anda ouvindo de novo?

PJ Harvey é legal. Há sempre algumas pessoas forçando os limites, derrubando barreiras. O R.E.M é bom, apesar de não ter muito brilho às vezes, mas eles conseguem se safar. Gosto do Talk Talk, de Julian Cope... Mas a música pop em geral sempre foi uma merda. Sempre houve um "Pat Boone" em algum lugar, assim como sempre existiram os "Little Richards".

Você falou da PJ Harvey etc. Ainda te acontece de ouvir algo no rádio e correr para comprar o disco no dia seguinte?

Não saio correndo... mando alguém! Sempre estou muito ocupado dando entrevistas.

Pelo que ouvi no disco, parece que você está economizando seu famoso grito.

Não! Dei-o várias vezes ontem à noite, durante "Whole Lotta Love" e "What Is And What Should Never Be". Você tem que deixar para as músicas certas, porque hoje em dia todo mundo grita assim. Não dá para cantar "29 Palms" e gritar "Aaaaaaah..." Está vendo? Acabei de gritar assim (*risos*).

Você diz que quer uma música que não tenha restrições. Quais as restrições que te seguraram no passado?

Gosto pessoal. Computadores. Quando ouço *Now And Zen* (88), gosto das músicas, mas não das gravações. O som envelheceu porque usei equipamento que na época era novíssimo. Aquele disco do Human League, *Love Unlimited*, era tão bom. O ABC! Tudo isso agora soa péssimo. A maioria do pessoal da dance music está usando equipamento que a gente havia jogado fora na época, os Oberheims e os Moogs. É um som melhor.

De onde vem esse seu interesse pela música árabe? Dos anos 60?

É um tipo de blues! Em Paris, no bairro árabe, tem umas barraquinhas que vendem umas fitas incríveis. As músicas começam com um zumbido. Eles chamam de *disco maghreb*, ou disco árabe. É fantástico, como o country blues só que mais animado. No Led Zeppelin a gente fazia isso o tempo todo – como na introdução de "In The Light", por exemplo –, só que não sabíamos o que era.

No Led Zeppelin havia esse interesse?

Me casei com uma mulher indiana. Ela era – e é – bem inglesa, mas mesmo assim alguns elementos de sua personalidade deixavam-me intrigado, sendo eu um cara anglo-saxão tentando ser celta (*risos*). Quando fui para a Índia me apaixonei pela estrutura diferente do som. Mas foi a música do norte da África que realmente me espantou, a música *berbere*. Imagine seis ou oito mulheres gritando por cima daquela percussão pesada. É a experiência mais rock'n'roll que se pode ter. Ontem à noite tocamos isso antes de subir ao palco. E depois, uma música das Supremes.

O Led Zeppelin já tinha laços celtas.

É, adoro ir para certos lugares e pensar no que aconteceu ali na pré-história. Os celtas eram incrivelmente organizados... os romanos nem se meteram com eles.

É interessante a semelhança que existe entre a arte/música celta e árabe.

Sim. Fairport Convention fazia música quase *berbere*. E há o *flamenco*. É genial... melhor do que fazer covers do Led Zeppelin!

> Jimmy tem tanto talento. Por que precisa de alguém com quem trabalhar? (Plant, sobre o duo Coverdale/Page)

Você sente falta de ser um ídolo, um *rockstar* no auge da fama?

Não, eu estou ótimo, muito obrigado... Aquele ídolo era um coitado, que por causa disso nem soube aproveitar. Agora que estou velho... ou mais velho... Naquela época havia uma certa distorção na minha personalidade. Havia muita confusão no coração do sonho. O importante era tocar, isso tinha que ser divertido, sendo em Wembley ou num pub. Mas com o Led Zeppelin havia tantas coisas estranhas acontecendo, tantos sanguessugas em torno do grupo... no final, a música acabava por assumir um papel secundário. É por isso que seria ridículo reformar o grupo. A verdade seria a primeira a desaparecer.

Mas a atração é eterna. Só em 93, já saíram dois livros sobre o Led Zeppelin. Você não contaria a sua história?

Não, não é importante. Acho ridículo que as pessoas ainda estejam escrevendo sobre aquela época. Li um capítulo do livro da Angie Bowie, *Backstage Pass*; é um capítulo sobre o Led Zeppelin. Você já leu? É tão engraçado. Eu me lembro muito bem do que aconteceu e, na verdade, acho que seria ótimo se as pessoas conseguissem escrever sobre a gente como ela escreveu. Mas é fácil falar de dinossauros. Não existem mais, não podem responder.

Você vai fazer uma turnê muito estranha, abrindo shows para o Lenny Kravitz. Ironia?

Eu diria que sim. Mas eu é que quis abrir para ele. Existem coisas que estão na moda, outras que já saíram. O Harry Dean Stanton é *cool*. O Lou Reed conseguiu de alguma maneira também permanecer *cool*, apesar de ainda estarmos esperando outro *Transformer*. Eu... bem, sempre fui assim contraditório. Nunca tentei ser um cara *cool*, então vai ser muito interessante abrir para o "príncipe do *cool*" (*ironia pesada*). Eu sei de onde vem a vibração dele. Ainda a sinto, no bolso de trás do meu jeans...

Quando perguntaram ao Nigel Kennedy (violinista que toca em "Calling To You", faixa de abertura de *Fate Of Nations*), até onde estaria disposto a levar a imagem de "radical" que você projeta, ele respondeu que teria que experimentar heroína. Você deu algum conselho paternal para ele?

Eu adoro heroína! Tomei no hospital – era morfina sintética, para falar a verdade – quando sofri meu acidente de carro. Mas não acho que seja uma saída muito boa.

O Jimmy Page disse numa entrevista que você recomendou um baterista a ele e ao John Paul Jones, para reunir o Led Zeppelin. Mas quando ele voltou a falar contigo, você não estava interessado.

É um mentiroso do caralho! (*risos*) Eu disse ao Page que se ele quisesse fazer algo realmente bom, precisaria de um baterista à altura, não o Simon Phillips, que é um músico de estúdio. Recomendei o Mike Bordin, do Faith No More. Quatro meses depois, ele veio me dizer "Que tal se a gente usar o Simon Phillips?" Aí eu disse "Está bom, Jimmy, até a próxima".

Sabe o que eles fizeram? Compraram um vídeo do Faith No More para assistir! Acho que o Page às vezes inventa situações que não existem. Ele tem tanto talento, por que precisa sempre de alguém com quem trabalhar? Mas, afinal, você só pode agradar a si mesmo – e isso, ele está conseguindo.

Ôpa! Eu não devia ter dito isso...

ESTA RÁDIO
JOVEM PAN 2 FM 100,9
TEM A CARA DE SÃO PAULO!

SOUL ASYLUM

A longa jornada

Depois de dez anos de estrada, o grupo de Minneapolis estoura com *Grave Dancers Union*, seu novo álbum. De Los Angeles, André Barcinski investiga a razão deste sucesso tardio com o baixista Karl Mueller

Minneapolis foi a "Seattle dos anos 80". Dessa fria e renta cidade do Estado de Minnesota (centro-norte dos EUA, quase na fronteira do Canadá), saíram algumas das bandas de rock mais importantes da década passada (Hüsker Dü, The Replacements).

E da mesma maneira que Seattle criou o grunge, Minneapolis foi o berço do "punk melódico". Sex Pistols mais folk, Ramones mais música country.

Daí nasceu o Soul Asylum.

Como todas as bandas locais, o SA (na época chamado Loud Fast Rules) começou fazendo um som punk, influenciado pela notável safra de 76 – The Clash, Ramones etc. De 84 a 89, o quarteto lançou seis discos pela gravadora independente Twin Tone, nos quais se nota claramente a evolução de sua música, do hardcore sem frescuras do álbum de estréia *Say What You Will...* (84, produzido por Bob Mould, ex-líder do Hüsker Dü) até chegar a uma bem dosada mistura de som pesado com timbres interioranos e baladas melodiosas.

O Soul Asylum sempre foi um pouco obscurecido pelo sucesso do Hüsker Dü e dos Replacements. Por isso a banda nunca deslanchou como merecia. Karl Mueller (baixo), Dave Pirner (vocal e guitarra), Dan Murphy (guitarra solo) e Grant Young (bateria) já passaram por muitos momentos de frustração e por pouco o Soul Asylum não acabou.

Foi *Grave Dancers Union*, o ótimo disco que a banda lançou em 92, que pôs um fim na maré brava que o grupo atravessava. O álbum ficou várias semanas no topo da parada alternativa e catapultou o nome do grupo para a linha de frente do rock americano.

A "melhor banda ao vivo do mundo", como é costumeiramente chamada, lota teatros em todo o país e é o assunto do momento no círculo roqueiro. O baixista Karl Mueller aproveitou um raro intervalo em sua excursão e falou para a BIZZ.

O Soul Asylum foi um dos pioneiros do "rock independente" americano, mas várias bandas mais novas, incluindo Nirvana e Soundgarden, estouraram antes de vocês. Isso criou uma certa inveja?
Hoje ficou bem mais fácil para uma banda independente conseguir um contrato com uma grande gravadora. Depois do estouro do Nirvana, as grandes gravadoras começaram uma verdadeira caçada aos grupos e todo mundo se arrumou. Estou feliz pelas bandas novas, mas não tenho inveja. Conseguimos sobreviver bem numa independente.

Vocês são a única banda que restou daquela safra de Hüsker Dü e The Replacements. Como o público de Minneapolis trata vocês? Existe essa coisa de "orgulho da cidade"?
Aqui é o único lugar onde eu sou reconhecido na rua! (risos) A cidade é pequena, todo mundo se conhece, existe uma espécie de interação.

Por que você acha que tantas bandas boas surgiram na mesma época?
Existia uma série de fatores: primeiro, havia vários clubes, onde tocavam duas ou três bandas por noite. Nós chegamos a abrir para os Ramones e para Billy Idol. Em segundo lugar é uma cidade muito fria. No inverno neva para cacete e a única coisa a fazer é ficar em casa tocando rock com os amigos.

E bandas novas? Alguma te impressionou nos últimos tempos?
Gosto muito de uma banda de Minneapolis chamada Muskellung, que abriu alguns shows nossos. Um outro bom grupo da cidade é o Arcwelder (*hardcore*, estilo Big Black).

De onde surgiu esse negócio de ser a melhor banda ao vivo do mundo?
Foi há uns quatro anos, quando a gente estava tocando no CBGB's, em Nova York. Um cara do *Village Voice* (famoso jornal nova-iorquino) escreveu que nós éramos a "melhor banda ao vivo do mundo".

Vocês fazem jus ao título?
É lógico! (risos) Nossos shows são muito impressionantes. Nós ainda estávamos na escola quando tocamos juntos ao vivo pela primeira vez. É por isso: temos muitos anos de experiência de palco.

O sucesso de *Grave Dancers Union* assustou vocês? Quero dizer, agora vocês estão em todos os programas de televisão e de rádio...
A única diferença é que tudo ficou melhor organizado. Estamos tocando em lugares maiores e nosso público aumentou. Nós acabamos de voltar de uma excursão com os Lemonheads e vamos abrir os shows do Keith Richards no começo do ano que vem, nos EUA. Tudo tem sido perfeito.

CINCO DETALHES SOBRE O SOUL ASYLUM

• O guitarrista solo Daniel Murphy e o baixista Karl Mueller eram amigos desde os tempos de colégio e foram eles que chamaram David Pirner para formar o grupo Loud Fast Rules, em 81

• Dois anos depois, o grupo entrava em estúdio para gravar seu álbum de estréia, contando ainda com o baterista anterior (na verdade, Grant Young entrou na banda a partir do segundo disco)

• As influências de David Pirner: Woodie Guthrie, Bob Dylan, Ramones, The Vibrators e – principalmente – Lou Reed (sua música favorita é "Street Hassle")

• Desde o primeiro álbum, a banda vem enumerando seqüencialmente os lados de seus álbuns (1 e 2 no disco de estréia, 3 e 4 no segundo etc.). O esquema só fica furado para os CDs

• Acredite se quiser: grupos hoje muito famosos como o Faith No More, o Jane's Addiction e os Black Crowes foram alguns dos que chegaram a abrir shows para o Soul Asylum

FÓRMULAS DO SUCESSO DE *GRAVE DANCERS UNION*

• Michael Beinhorn, produtor do disco, pertencia à formação original do grupo Material tocando teclados. Seus colegas naquele trio que fundia rock com funk, jazz e experimentalismos diversos eram o baixista (e também produtor) Bill Laswell e o baterista Fred Maher (depois da banda de Lou Reed).

• Uma participação especialíssima na faixa "Without A Trace" foi a de Booker T. Jones (mentor dos MGs, grupo que acompanhava o extraordinário cast da gravadora Stax, nos anos 60), pilotando um órgão Hammond.

• A foto da capa do disco – uma mãe ladeada por duas crianças nuas, andando por uma paisagem industrial – foi retirada do livro *Love, Life, Death & Other Such Triples*, do fotógrafo tcheco Jan Saudek. Pirner havia tentado conseguir esta imagem para usá-la em algum dos dois álbuns anteriores que eles fizeram pela gravadora A&M, mas só a conseguiu através da Columbia, que comprou os direitos de reprodução.

• Além de ainda ser um freqüentador assíduo das paradas college de várias partes do mundo, *Grave Dancers Union* conseguiu atingir o 51º posto na *Billboard* e até meados de 93 havia vendido quase trezentas mil cópias nos EUA. ***CELSO PUCCI***

DISCOGRAFIA ANTERIOR

Álbuns

Say What You Will... (84, Twin Tone)
Com as mãos de Bob Mould na produção, o álbum de estréia trazia claras influências do conterrâneo Hüsker Dü. Em 89, foi relançado em CD com o título de *Say What You Will, Clarence... Karl Sold The Truck*, incluindo cinco faixas a mais, feitas durante as sessões originais.

Made To Be Broken (86, Twin Tone)
Marcou a entrada de Grant Young na bateria. Os maiores destaques eram para a pauleira de "Ship Of Fools" e também para a boa levada country da faixa-título, junto da balada acústica "Never Really Been". Considerado por muitos o melhor trabalho da banda até o novo álbum.

While You Were Out (86, Twin Tone)
Com problemas na produção – a cargo de Chris Osgood, que não se adaptou ao som da banda –, este álbum comprometeu algumas das talentosas canções de Pirner como "No Man's Land" e "Closer To Stars", além de uma das esporádicas músicas de Daniel Murphy ("Miracle Mile").

Hang Time (88, Twin Tone/A&M)
A partir da co-produção de Ed Stasium (Ramones, The Smithereens, Living Colour) e de Lenny Kaye (ex-Patti Smith Group), o grupo conseguiu um peso adequado para faixas como "Down On Up To Me", "Little Too Clean", "Marionette" e "Standing In The Doorway".

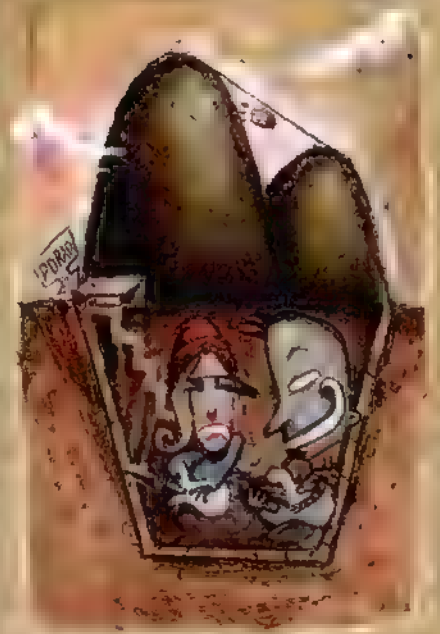
Soul Asylum And The Horse They Rode In On (90, Twin Tone/A&M)
Apesar de não ter sido comercialmente bem sucedido, este disco destacava músicas como "Easy Street", "Veil Of Tears" e "Nice Guys (Don't Get Paid)", com a produção despojada de Steve Jordan (o baterista e parceiro de Keith Richards nos X-Pensive Winos).

Clam Dip & Other Delights (88, What Goes On)
Lançado primeiramente por um selo inglês e editado em 89 nos EUA pela Twin Tone, com uma seleção parcialmente diferente. Continha seis faixas, misturando material próprio com covers um tanto bizarras como "Move Over" (Janis Joplin) e "Juke Box Hero" (Foreigner).

Compilação

Time's Incinerator (86, Twin Tone)
Edição exclusiva em cassete, com outtakes registrados entre 80 e 86, inclusive quando ainda se chamavam Loud Fast Rules. As cinco faixas que ficaram de fora do primeiro álbum estão na seleção, além de uma cover para "Hot Pants" (James Brown), cantada por Karl Mueller. *C.P.*

ROCK IN RIO 2000



DOENÇA PERIGOSA

Gangrena Gasosa é o nome de uma infecção pútrida, repelente e fedorentíssima. Como a cabeça desses caras, de longe a banda mais escrota da cidade de São Sebastião.

Tocar de calça arriada com papel higiênico no rabo, roubar farofa e galinha da encruzilhada para arremessar na platéia, fazer show vestido de Exu na Sexta-feira Santa... Nada é bizarro demais para Ronaldo Chorão (vocal), Vladimir (guitarra), Paulão (vocal), Felipe (baixo) e Cid (bateria), o filho bastardo de Zé do Caixão.

"A gente não tem nada de positivo, a mensagem é de negatividade. O nosso som quer transmitir a ruindade", vocifera Ronaldo. "Existe até uma 'Maldição Do Gangrena': toda banda para quem a gente abre se fode, ninguém pode sair do grupo. O último caiu do trem, se quebrou todo e ainda comeram a mulher dele enquanto ele estava no hospital."

Esse momento singular da cretinice humana precisava ser registrado em disco. A produção é de André X, da Rock it! e o disco contém as quatro faixas da já antológica demo do grupo e mais sete inéditas.

A força da música carioca vai muito além da Marquês de Sapucaí. O som que sai das garagens escuras e quebradas da Baixada revela um lado menos ensolarado da cidade – sem perder a irreverência

ILUSTRAÇÕES: SPETO

Calor, confusão, violência, miséria. Essa é a atual imagem da Cidade Maravilhosa, ex-filial do Paraíso. A nova geração da música pop carioca também acompanhou essa mudança. Sujos como o morro e ásperos como o asfalto, os grupos dispensam o estilo alegrinho do "rock de bermudas", que marcou o pop do Rio nos anos 80, para adotar uma postura bem mais condizente com a caótica situação da cidade.

E, como diria Tim Maia, vale tudo. Do thrash suingado do Wonderland à iconoclastia demente do Gangrena – passando pelo discurso cru dos rappers adolescentes da Geração Futura –, as experiências musicais proliferam na ex-capital, apesar da inexistência de um circuito para shows de pequeno e médio porte. As melhores opções continuam sendo o Circo Voador e o alternativo Garage, um casarão movido por tipos estranhos próximo à linha do trem.

Barrados também na programação asséptica das FMs locais (exceção à Fluminense e Universidade FM), os aspirantes ao sucesso contam com pelo menos uma vantagem geográfica. É no Rio de Janeiro que se concentra 80% da produção fonográfica brasileira, o que faz com que o caminho das pedras seja bem mais curto para os artistas baseados no Rio – principalmente os bem relacionados. Com vocês, a nova cena carioca, por quatro cariocas: PEDRO SÓ, ALEXANDRE ROSSI, PAULA FONSECA e o homem da BIZZ, CLÁUDIO CAMPOS.

METAL BRONZEADO

Não é só o trânsito do Rio que é acelerado – da Tijuca até a Baixada Fluminense o rock pesado impera, converten-do surfistas e até a galera do subúrbio aos tormentos do metal. Já em meados dos anos 80, a Tijuca sofria com a porrada sonora do **ANSCHLUSS**. Sua mistura de power metal e hardcore rendeu-lhes um contrato pela gravadora Cogumelo, que também arrebatou o death/grindcore do grupo **THE ENDOPARASITS**.

O monstruoso **NRA** batalhou para divulgar seu crossover. "Já gastamos cem milhões em correspondência para fora", conta o vocalista Abel Lopez. Valeu a grana. O grupo chegou às rádios da Bélgica, da França e da Holanda. A mesma estratégia adotou o **DEMENTIA**. Sua demo, *Sand Castles*, já freqüentou rádios alemãs, suecas e argentinas. Desejo compartilhado por **BLOCKHEAD, STAGEDIVE** e **CAVALAST**.

Nem mesmo a cidade imperial escapou da invasão metálica. O **MORBID DEATH** vem atormentando Petrópolis com seu *death metal* e sua demo já chegou ao exterior, distribuída pelo selo californiano Wild Rags. A maior parte deste pessoal participou da coletânea *Headline Collection*, bancada e distribuída pelos próprios grupos.

Correndo por fora, o **WONDERLAND** teve a sua primeira demo lançada como compacto pelo selo alemão Disgraceland, apenas dois meses depois que a banda se formou. De lá para cá a banda aperfeiçoou o seu *thrash* incorporando dance, funk e ritmos brasileiros a seu trabalho.

Heresia? "A gente tenta fazer uma salada e 'maçarocar' tudo até ninguém conseguir identificar", explica o vocalista Pavel Keller. A nova demo do grupo, *Non Compos Mentis*, apresenta uma versão pesada para a canção "Killing An Arab" (The Cure), com um mustafá trecho de chorinho no meio.

POP PROGES TERONA

"Banda de mulheres é foda. Fica parecendo um grande amontoado de 'Paulas Tollers'." A definição é da guitarrista /berrante Simone, fundadora do **DASH**. Deve ser por isso que ela convocou Kadú (ex-Second Come) e Formigão. Juntos, eles fazem um barulho dos diabos, como na agoniada "Cocaine Bus". Sua indignação tem fundamento – "garotas roqueiras" sempre foi um dos maiores chchês da armação musical. É o caso do **VENENO PERFEITO**, grupo de hard rock autopatrocinado pela milionária Karla Edúvia. Em sua autopatrocinada sanha por promoção, ela não se farta até em posar para as fotos até de cuecas

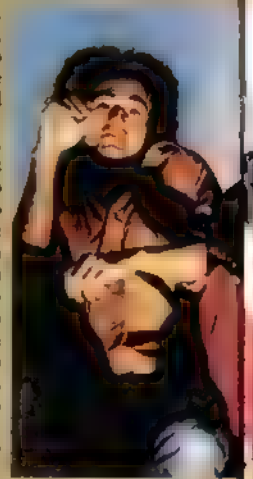
Mais três boas iniciativas femininas que apareceram no cenário carioca: o mix Ramones/Sonic Youth dos **DRIVELLERS**, a zoeira adolescente do **SUGARCOCANE** (fãs do Shonen Knife) e a paranóia eletrônica da dupla **INHUMANOIDS!**, que estreou recentemente na coletânea *Minimal Synth Ethics 2* do selo Cri Du Chat. E atenção: o duo já está na lista de espera dos lançamentos da Rockit! para este ano.

OS VETERANOS

Já com ares de veteranos, os batalhadores do underground da década passada ainda conservam a mesma vitalidade artística, fazendo shows para pequenas platéias, gravando por selos independentes ou simplesmente redirecionando suas carreiras em novos projetos

DORSAL ATLÂNTICA, o velociraptor do metal carioca, completou dez anos de destruição de tímpanos com o disco *Musical Guide From The Stellium*. Com um som cada vez mais acelerado e temas místicos, a banda prepara uma turnê pela Europa.

Outro sobrevivente daqueles tempos, **A GRANDE TREPADA**, conseguiu emplacar duas faixas numa coletânea do selo americano Rockhouse, especializado em *psychobilly*. **SEX BEATLES** é o nome do grupo *glitter* engendrado por Alvin L – ex-Rapazes De Vida Fácil e compositor de "Eu Não Sei Dançar", sucesso na voz de Marina. Adotados por Dado Villa-Lobos, eles gravam um disco via Rock It!. Já os **DOGS IN ORBIT**, nova aventura dos ex-integrantes do Black Future (Edinho e Olmar), enveredam por um som igualmente atrelado aos anos 70, com fortes doses de psicodelismo. Sua primeira demo foi produzida por Ronaldo Pereira, ex-baterista do Finis Africae e proprietário do estúdio Groove, o principal *point* de ensaios da nova cena *underground*. Ele ainda arranja tempo para conduzir o seu próprio grupo, o **ELVIRA VILÃ**. Os **TUBARÕES VOADORES** continuam barbarizando com seu imponderável *crossover* de Hermeto Paschoal com Suicidal Tendencies. Contando agora com uma força de Lulu Santos, preparam-se para gravar um novo disco. O finado Hojerizah sempre teve como pontos fortes o vocal de barítono e as letras desconcertantes de **TONY PLATÃO**. Capturado irremediavelmente pela *soul music*, ele voltou melhor do que antes, com um repertório lapidado na melhor tradição de Cassiano e de Tim Maia. Contratado pela Sony, ele começa a gravar em outubro.



MATRACA MORDAZ

Em todos os cantos da cidade, bandos de garotos se reunem para rimar as suas mensagens ao mundo exterior. O produtor Mayrton Bahia – dono do selo Radical, o mesmo do promissor **ARTIGO 288**, já com disco na praça – arrebanhou alguns deles na coletânea *Tiro Inicial* · **FILHOS DO GUETO. POESIA SOBRE RUÍNAS, CONSCIÊNCIA URBANA, N.A.T., AS DAMAS DO RAP** (que misturam *charm* e hip hop) e **GERAÇÃO FUTURA**, estes com idade média de quinze anos.

Segundo Mayrton, o que mais o impressiona é a divisão rítmica extremamente brasileira, que parece marca registrada dos novos *rappers* cariocas. Os carecas do **POSITIVE SOUL** – André "Positive" Andrade, Felipe B (ex-apresentador do *YO! MTV Raps*) e Patrícia Prata – barbarizam nos malabarismos vocais, usando as possibilidades fonéticas da língua portuguêsa ao máximo. O **BLECAUTE** vem de Belfort Roxo, Baixada Fluminense e dispensa a parafernália eletrônica – que não faz a menor falta.

Tocando na mão mesmo, o trio formado por Ed Esteves (guitarra), Wendel (baixo) e Andréa (bateria) mistura elementos de samba, soul e funk para a dupla Nino Rap e Eddy deitar sua falação, às vezes expressa na linguagem cifrada que rola nas ruas, como em "Que Por Char Pi?" ("Por Que Pichar?"), por exemplo

Os dois já haviam demonstrado com muita categoria suas habilidades no último disco de Fernanda Abreu, rappeando ao contrário com desenvoltura

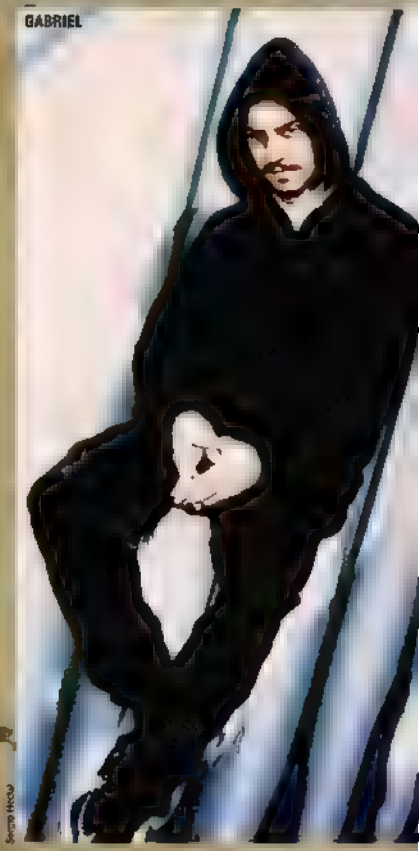
O PENSADOR

O rap "Tô Feliz, Matei O Presidente" foi pouco escutado, mas muito lido. Banido das rádios devido à pressão dos órgãos oficiais, o rap teve sua letra publicada nos principais jornais do país.

Agora, com dezenove anos, **GABRIEL, O PENSADOR** agradece o "marketing governamental" que o levou até o selo Chaos da Sony, onde lança seu primeiro álbum, com produção de Fábio Fonseca.

Seu maior trunfo são mesmo as letras, tão coerentes quanto quilométricas. Ele não hesita em declarar-se um apaixonado pela sonoridade e pelo vocabulário da língua portuguesa, "muito mais rica do que o inglês". Com a ajuda de sua posse, o DJ Frias e o rapper Tito, Gabriel ajusta agora a mira para outros inimigos públicos.

O famigerado Bispo Macedo e o prefeito do Rio, César "Maia" Maia, que se cuidem. "Às vezes, um tiro fala mais do que mil palavras", já vai avisando Gabriel.



DEBAIXO DO ASFALTO

Os subterrâneos do balneário estão fervilhando de agitação. Há muito não aparecia tanta gente com uma guitarra barulhenta na mão e uma idéia maluca na cabeça. Em alguns casos, a anarquia cênica e as letras em inglês não conseguem encobrir certa falta de originalidade musical. Mas o que seria da música pop sem isso? Conheça os nomes mais infames e os mais comentados do cavernoso *underground* carioca

• SOUTIEN XIITA é uma das bandas mais temidas pelos produtores e mais amadas pelo público com sua tríade "funk-escrotidão-porrocore" contagiante. Eles são "um filho de hippie vagabundo que queria ser advogado mas foi obrigado pelo pai a seguir carreira artística" (Cabelada/baixo), um "ex-viciado que espera juntar muita grana e abrir sua própria boca-de-fumo" (Mutley/bateria), um "bissexual assumido com instinto galináceo que aproveita o palco para soltar a franga e mostrar o pinto" (Cláudio/ vocal) e "um *jerk* leproso que sonha em fazer uma plástica, um alisamento na cabeleira e se livrar do estigma da virgindade de uma vez por todas" (Panço/ guitarra). São os porta-vozes da nova geração lutando por seus ideais.

•Em Niterói, sob aquele bodum de sardinha, o cruzamento da *surf music* tradicional com hardcore deu no A.S.S., ou ANARCHY SOLID SOUND. "Negumbo tem mania de associar surf com reggae" , reage o guitarrista Jota. "Eu surfo desde que existo e a galera que pegava onda comigo sempre ouviu Circle Jerks, Australian Crawl e principalmente Agent Orange e Ramones", esclarece Robério. O resultado disso você poderá ouvir em um futuro disco dos caras, que já estão na mira da gravadora Timtus.

• O POINDEXTER faz um auto-denominado "rap core ignorante", daquele que faz um pum na mente e obriga o corpo a saltitar que nem um feijão mexicano. Sua segunda demo, *O Retorno*, inclui uma fulminante cover de "Todos Estão Surdos", soulzão velhusco de Roberto Carlos.

• Formado por devotos do Black Sabbath que curtem funk por osmose e *hardcore* por princípios, o CHILDREN SEX ficou ainda mais esquizofrênico com a entrada do vocalista Rob Lover e do baterista Garganel. Com essa formação eles integraram a coletânea *Rock Baixada*. Sunda concluiu meio puto: "O povo daqui nos odeia por esporte! A prefeitura nos proibiu de tocar ao vivo. Dizem que somos muito bagunceiros! Eles levam a música muito a sério. O "Cazuza Cover" daqui até pegou Aids agora...".

• A coletânea *Subversão Brasileira* foi o primeiro registro fonográfico de uma das bandas mais interessantes da cena pop carioca. Com um funk metal regado a fartas doses de MPB e rhythm'n'blues, o COMA faz um trabalho elaborado, com mudanças inesperadas de andamento e letras em português. "Eu quero é me comunicar!", emenda o vocalista Momo. Eles estão com um álbum independente pronto e pretendem lançá-lo em breve – se nenhuma gravadora contratar os caras antes

• Ramones, The Beach Boys e Buzzcocks são alguns dos maiores ídolos (e influências) dos BEACH LIZARDS, que detonam um *bubblegum* punk praieiro de primeira linha. Entre os brasileiros, os elogios vão apenas para os Titãs, respeitados por conseguirem

"fazer um lance original, em português", como diz o baterista André "Nervoso". Afinal, eles mesmos já tentaram compor no idioma pátrio, antes de se decidirem pelo inglês. Completam a banda o vocalista Demétrius, Laercio (baixo) e Cláudio (guitarra).

• NEGUINHOS NOJENTOS divide seus insultos entre o idioma de Marcelo Nova e o de Johnny Rotten. Vivacqua Nojento (voz), Kléber Nojento (guitarra), Morango Nojento (baixo) e Felipe Nojento (bateria) – todos branquinhos – detonam um punk '77 no capricho, incluindo uma versão casca grossa de "Wild Thing", rebatizada "Sua Puta", com letra no mesmo nível.

• Com a mesma fúria, do outro lado da cidade, em Campo Grande (Zona Oeste), o SEX NOISE também pratica barulheira em bom português. "Temos muito a dizer", explica o vocalista Larry Antha, que ganha a vida como escriturário. Puxado pelo vocal rasgado e esgoelado de Larry, o grupo lembra The Stooges, com sujeira e distorção em três ou quatro acordes tocados obsessivamente.

• Era uma vez um grupo carioca chamado Verve, com letras em português e tendências MPBísticas. "Fomos ficando cada vez mais putos com os rumos e decidi virar a mesa", lembra o baterista Dodô. Com ele ficaram os guitarristas V.R.S. Marcos e Gustavo Seabra. Junto com o baixista Genco, eles fundaram a PELV'S, se trancaram três dias num quarto com um gravador de quatro canais e gravaram 31 músicas. Saiu uma demo chamada *Peter Greenaway's Surf*, quase uma hora de inglês "nada a ver com nada".

Quatro garotos de maió e chapéu de mexicano tocando um rock chamado "Bob Faz Meinha" ao lado de um cabrito e um ganso grandão. Isto é *garage*, em dia de show de PIU PIU & SUA BANDA. O som da turma? Nada de metal, hardcore ou punk. Como o próprio Piu Piu classifica, "rock palhaçada". Coisas como... "Eu Travesti", "Maníaco Por Nestor" e "Me Adianta O Burro Da Sua Irmã 2". Inusitadas ou grossíssimas.
Rogério Weimann, ou Piu Piu (como é conhecido desde moleque, por sua semelhança com o passarinho boiola do desenho animado), é um esforçado rapaz de vinte anos que trabalha numa loja de tintas no Engenho Novo e faz supletivo à noite.
Tímido, ele tem quase todos os discos do Roupa Nova e raramente escuta música estrangeira. Mas sabe muito bem que rock'n'roll é uma questão de porra-louquice.
Ainda sem demo, mas com uma demolidora trajetória de shows, eles estão na mira do novo selo Garage.

OS NOVOS SELOS

Aos poucos, o selo RockIt!, de Dado Villa-Lobos e André X, vai se firmando como a mais ambiciosa gravadora independente do lado de cá da Via Dutra. Já estão prontas as masters dos próximos lançamentos: o hard-metal-funk do brasiliense Dungeon e o inclassificável Gangrena Gasosa, no qual André aposta todas as suas fichas. Na lista de espera, Beach Lizards e Inhumanoids!.
O Garage Art Cult, templo do underground carioca, também vera selo o mais breve possível e joga na rua um disco ao vivo com quatro bandas. Fábio Baptista, produtor da casa, quer registrar o *thrash* de Human Skid Brains e Morbed Death, além de observar com interesse Chippendale (hard rock de Petrópolis) e Planet Hip (rap do Centro). Mas está apostando nos Suínos Tesudos, que misturam metal com rap num repertório que esculhamba de Walt Disney ("Donald Is Dead") a Ministry ("Jesus Ate my Hot Dog")
Outra a correr na raia é a Natasha, da ex-Warner Connie Lopes. Depois de investir em Piche Rude e Paulinho Moska, ataca com o disco de estréia do Aerosex. Capitaneado por Mauro Frejat e produzido por seu irmão mais famoso, o grupo tem a companhia do baiano Úteros Em Fúria nos lançamentos para este mês. O selo também está começando a lançar grupos grungos, como Pavement.
Contatos: RockIt! – a/c André X. Av. Ataulfo De Paiva, 1079/SS, Loja 1119 CEP 22440 031. Rio De Janeiro/RJ • Garage Art Cult – a/c Fábio Da Costa. Rua Ceará, 154. CEP 20270 160. Rio De Janeiro/RJ. • Natasha Records – a/c Connie Lopes. Rua Dias De Barros, 43/A. CEP 20241 040. Rio De Janeiro/RJ

RÁDIO & DEMO

O programa Contracapa, da Fluminense FM (94.9 no dial), que só toca fitas demo, CDs e vinis independentes, reestreou em agosto. Agora ele é mensal e vai ao ar toda última quarta-feira do mês, às 21 hs. A idéia é "funcionar como uma janela para as demos entrarem para a programação normal da rádio", diz a produtora do programa, Isabel Flôres. Contatos: Contracapa/Rádio Fluminense FM – a/c Isabel Flôres. Rua Visconde De Itaboraí, 184, 10º andar. CEP 24035 900. Niterói/RJ

Rio Noise Compilation é uma demo com as melhores bandas *underground* do Rio (inclusive a maioria das citadas nessa matéria) e mais Cabeça, Love Is Ugly, Divisão X e Os Vibrriões. Encomende para Correio Voador – Rua do Rezende, 4, Sobrado. CEP 20231-900. Rio de Janeiro/RJ. a/c Alexandre Rolinha ou Diogo Tirado.

FESTIVAL LEGAL

Uma paixão desenfreada por fitas demo levou a produtora Eliza Cohen a dedicar-se inteiramente a ajudar os novos grupos a saírem do anonimato. Assim surgiu o Superdemo, um festival itinerante com o melhor da produção fonográfica caseira. A última edição do evento, no Circo Voador, apresentou o Artigo 288, Pravda, Os Raimundos (que saíram de lá com algumas propostas de gravadoras) e os ex-anônimos do Skank. Para as próximas, Eliza espera fechar um patrocínio e trazer bandas de outros Estados. Contatos: Superdemo – a/c Eliza Cohen. Rua Pacheco Leão, 70. CEP 22460. Rio de Janeiro/RJ

CAOS DESENCANADO

O primeiro superlançamento mundial do Sepultura, *CHAOS A.D.*, tem o peso tradicional do metal, um que de industrial e hardcore, uma faixa quase acústica, atitude punk e até um gosto de baião! Entre as fraldas de Zyon Cavalera e um exército de jornalistas, Anamaria G. de Lemos passou um fim-de-semana comendo churrasco com a banda e conta essa história direito

Sábado, sete da noite num vilarejo no meio do campo inglês. Numa virada típica do verão da Ilha, só agora é que o sol saiu, depois de um dia cinzento. Mas ninguém está reclamando: a geladeira está abarrotada de cerveja e o churrasco está quase pronto. É hora de relaxar.

Já se foi o tempo em que dava para entrar no Marquee, ver o Sepultura passar o som e pedir uma entrevista. Hoje o grupo faz parte daquele clube exclusivo de bandas internacionalmente famosas, e a proteção aumentou. Merecidamente. Mas o trabalho de ser interrogado pela mídia – que Max, Igor, Paulo e Andreas passaram a tarde fazendo – continua o mesmo. "What does 'legal' mean?", indaga um francês; outro, alemão, confessa à empresária Glória seu alívio ao ouvir algumas faixas do disco novo – "Pensei que eles fossem virar para o rock industrial". Depois foi a vez do programa *Raw Power* e sua câmera, a banda é forçada a "dar um passeio pelo campo", no melhor estilo Led Zeppelin.

Agora, os jornalistas desapareceram; o churrasco ficou pronto graças ao talento de Sílvio (Bibica para os íntimos), amigo e *roadie* da banda. Aparece gente da Roadrunner e Glória, de cabelos que desafiam a paisagem verde, traz Zyon, seu filho com Max. Aos sete meses, ele é a criança mais *cool* deste mundo. Corte o som alto, ri, vai no colo de quem o quiser. A piada que rola por aqui é que, quando crescer e alguém perguntar o que seu pai faz, Zyon vai responder, morrendo de vergonha: "Ele é metaleiro".

Depois de seis semanas em Rockfield, no País de Gales, o Sepultura se mudou de mala, cuia e *master tapes* para o Wool Hall Studio, no vilarejo de Beckington. Ainda faltam alguns vocais e solos, mas a pressão agora é para baixar a obra-prima que será *Caos A.D.*. "Entre uma turnê e outra", lembra Igor, "a gente dava uma paradinha e trabalhava no disco novo. Passamos seis meses só nisso. Quando chegamos ao Rockfield, só faltava dar uma limada." O estúdio no País de Gales foi sugerido pelo produtor Andy Wallace. A única exigência da banda era um certo isolamento. "No Brasil não dava", explica o baterista. "Ensaio virava festa, com quatrocentas pessoas assistindo. Em Los Angeles, a gente estaria no estúdio pensando 'Porra, aquela banda que eu gosto está tocando hoje à noite e só eu que não estou lá' (*risos*). No Rockfield, não tinha nada além da gente e o mato. Quem não estava gravando, ficava lá, olhando para as paredes."

E o Rockfield tem história: já passaram por lá o Black Sabbath, o Queen (para gravar o *A Night At The Opera*) e outros como Robert Plant. Mas o Wool Hall também tem suas vantagens: a paisagem lindíssima, a proximidade da cidade de Bath, uma mesa gigantesca de sinuca e uma foto do Miranda (sim, o *nosso* Carlos Eduardo Miranda, da BIZZ) vestido de Jesus Cristo!!!

A fama é um assunto fascinante. Quem é que não quer saber o efeito que ela teve sobre quatro garotos brasileiros? A questão é: o Sepultura mudou?

Todos compraram casa em Phoenix, Arizona, menos Igor, que vive uma vida de nômade e sai em busca do mar sempre que pode. Max virou pai e em 94 lança um projeto paralelo com seu "genro" Alex Newport, do Fudge Tunnel, chamado Nailbomb (Alex é casado com a filha de Glória). Paulo começou a fazer aqui-dó e Andreas ficou um gato do baixista Jason Newsted do Metallica (fundaram o Sepultallica!). O comentário de Jack Endino na BIZZ ("Já tem Sepulturas demais por aí") provoca sorrisos. "Tem mais Nirvanas do que Sepulturas", replica Max. "É legal saber que tem moleca tocando um som baseado na gente. Foi assim que a gente começou. Jack Endino estava lá no Rockfield, produzindo outra banda. Pegamos ele xeretando nas nossas guitarras duas vezes." (*risos*)

Eles conheceram o Ozzy, são amigos de bandas famosas (vide a lista de agradecimentos do disco novo). Sobrou algum ídolo? "O Paulo tem o Bruce Lee", revela Max. O Sepultura mudou? Continuam sendo a banda mais despretensiosa do planeta.

Beneath The Remains atraiu os olhos internacionais, mas foi seu sucessor *Arise* que vendeu bem. Segundo Igor foram duzentas mil cópias nos EUA, trezentas mil na Europa e cem mil no Brasil. Segundo a Roadrunner, um milhão ao todo. Para a gravadora, o Sepultura é prioridade em 93. O sentimento geral é de que *Caos A.D.* é o disco que vai levar o Sepultura a alturas nunca d'antes imaginadas. Igor diz que é legal gravar um disco tendo mais dinheiro, um bom estúdio etc. Mas e a pressão? "Isso sempre tem. O 'próximo álbum' é sempre importante. Tentamos bloquear esse lance. Se a gente chegou até aqui com o nosso som, não é agora que vamos mudar, por causa de gravadora ou de público." Enquanto isso, a Roadrunner vai trazendo jornalistas do mundo todo e montando uma campanha publicitária forte, incluindo a festa de lançamento que promete ter desde capoeira até cachaça. É óbvio que, sem a música, nada disso adianta. Mas nesse ponto eles não precisam se preocupar.

Caos A.D. é uma direita explosiva no queixo. Uma mistura do velho Sepultura com novos elementos que estavam querendo entrar nesta festa há tempos. Tem "We Who Are Not As Others", por exemplo, ou "Slave New World", composta com Evan Seinfeld do Biohazard, há também "Propaganda", "Clenched Fist"... mas falemos de uma música em especial, "Refuse And Resist!"

Max "Essa rolou num dia que estava todo mundo desesperado, pois não saía nada há três dias! Aí apareceu o riff, um dos mais destacados do disco. Isso foi em Phoenix... a letra eu fiz ontem." (*risos*)

Andreas "Não é muito diferente do que a gente já fez antes, mas é a primeira vez que abrimos um disco com uma música devagar."

Max "Ela tem mais *groove* que rapidez. A letra é sobre o confronto entre polícia e juventude. O pessoal jogando pedra, botando fogo em carro. As primeiras frases deram o nome ao disco. O vocal é bem berrado, como no disco todo.

Aliás, no encarte do disco nem escrevi 'vocal', escrevi 'Max, guitarra e garganta'."

Andreas "'Territory' é o single, com 'Polícia' no lado B. Não é um som novo. A letra é sobre guerra, sobre a luta pelo território. O vídeo vai ser feito em Israel, com clima de guerra mesmo."

Max "Estamos com umas idéias bem loucas, de ir para o Mar Morto e cobrir a cara de lama e fazer uma parte do vídeo assim."

Para produzir o disco novo, o Sepultura chegou até a pensar em Al Jourgensen, do Ministry.

Igor "Depois da turnê com eles, vimos que não era bem isso, ele tem outra cabeça. Eu queria que o John Zorn produzisse, mas ia precisar de mais tempo. Quem sabe no futuro..."

A escolha, muito bem feita, foi Andy Wallace, que havia mixado *Arise*. Ele também mixou *Nevermind*, produziu o Slayer, o Sonic Youth, o White Zombie, e a Rollins Band... É um senhor alto, magro, de cabelos brancos que coleciona carros antigos. Este americano de uns cinqüenta anos deu ao Sepultura um som que Scott Burns, por melhor que fosse, não foi capaz. Mesmo com as músicas ainda não mixadas, dá para sentir a diferença: com um som mais cheio, o Sepultura ficou ainda mais poderoso.

Max "A música 'Amen' é baseada naquela história em Waco, do David Koresh. Li muito sobre isso, fiz anotações. Vivendo nos EUA, você vê isso de uma maneira diferente. De trinta canais de TV, quinze são religiosos, com aqueles tele-evangelistas loucos. Isso me impressionou e fiz uma letra irônica, no estilo dos Dead Kennedys. Como se eu estivesse me confessando, com a voz rouca. 'Me perdoe, sei que pequei, matei esse tanto de gente. Mas sei que você vai me perdoar.' A quebradinha é assim meio reggae, meio Fugazi. E tem um canto medieval que a gente tirou de uma fita que a Glória comprou no castelo (de Chepstow, no País de Gales)."

Para quem está de fora, a impressão que se tem é de que o Sepultura de repente percebeu que havia chegado a hora de fazer algo diferente, com mais expansão do que mudança propriamente dita.

Igor "O processo foi gradual. Aos poucos a gente vinha tentando colocar coisas novas na nossa música. Desta vez, o esforço foi maior. E depois, foram dois anos de turnê. Deu para ver o que funcionava ou não. Deu para pegar a energia do Sepultura ao vivo."

Quando o assunto é a direção do metal em geral, ele diz achar o momento atual confuso. Depois de um período profícuo de abertura para novos elementos, alguém pisou no breque.

Igor "Foi legal o metal se abrir para essas influências, mas talvez tenha chegado a um ponto em que estava virando outra coisa."

Como disse um *glam rocker* do Sunset Strip, de L.A., 'Seattle acabou com a gente!' É impossível ignorar modas e tendências, mesmo se você não estiver disposto a segui-las.

Igor "Concordo, mas as mudanças dentro de uma banda também acontecem muito naturalmente. Nunca paramos para decidir nossa direção musical. Somos meio pessimistas, quase nunca vemos o lado positivo das coisas. Então tudo o que acontece com a banda é surpresa."

'Kaiowas' é a grande surpresa do disco. Para começar é acústica. Mas tem peso, com muita percussão e até um gostinho de baião.

Max "É o nome de uma tribo brasileira que se suicidou. Eu estava precisando de umas idéias para o nome da música, queria algo brasileiro. O João Gordo (Ratos De Porão) e a Fabiana (fotógrafa amiga da banda) me mandaram uma lista de tribos."

Quando li "...suicidou em protesto contra o governo" vi que era esse mesmo.

Andreas "A gente gravou ao vivo, no castelo de Chepstow, no País de Gales. Um dos castelos mais antigos da Europa, é só ruína. Foi numa sala sem teto, cheia de reverberações, onde gravamos vários *takes* com o Andy. Ele pegou os melhores e montou."

Max "É Led Zeppelin com Obcdium e Sonic Youth. (*risos*) O começo é bem no estilo do *Led Zeppelin III* (Nota: que também foi gravado no País de Gales!). Dá até para ouvir as gaivotas. Temos tudo registrado em vídeo."

Andreas "Tinha uma equipe gravando tudo, fazendo uma reportagem geral do disco. Pode ser que seja lançada futuramente."

Max "Tem uns lances legais, como por exemplo ontem, quando o teto caiu na cabeça do Andreas durante a gravação de 'Polícia'." (*risos*)

Ainda há um resto de luz no céu quando acaba o churrasco. O jeito é ir para um *pub*. Afinal, temos aqui um sério caso do que em inglês se chama "cabin fever", aquele desespero que dá depois de ficar trancafiado muito tempo no mesmo lugar. Se alguém no bar da vila achar estranho ver um bando de cabeludos tatuados, não demonstram. Scott, da Roadrunner americana, vai comprando as cervejas. Paulo já conhece o *barman*.

Max "A música 'Manifest' é sobre o que aconteceu no Carandiru."

Andreas "Algo como se o Max fosse um repórter brasileiro falando em inglês."

Max "Nem tirei o sotaque, falei palavras erradas. O Andy mudou um pouco a minha voz, ficou mais grave. Tipo rádio AM, só que transmitindo para o resto do mundo. Minha guitarra é só barulho. A gente tinha acabado de sair do Brasil."

quando aconteceu o massacre, consegui um monte de informações e tirei a letra disso. Coisas como o fato de que 80% do pessoal lá dentro ainda estava esperando julgamento. O Andy ficou horrorizado, achou que eu tinha inventado! (*risos*)"

Andreas "No disco, cada letra tem uma foto. Para essa tem uma foto do *Notícias Populares*, de uma cela meio aberta, tem braço ainda segurando nas barras. Em cima está escrito, Departamento de Justiça, Polícia de São Paulo. "

Max "Essas coisas *têm* que ser ditas. A última frase é 'pavilhão 9' (em português mesmo). A primeira vez que misturamos português com inglês."

Igor "O pessoal para com o português. O Max grita 'Um, dois, três, quatro' antes de uma música, aí vem gente do Japão perguntar disso. (*risos*)"

Max "Estamos fazendo tudo que estamos a fim, pela primeira vez. Ontem, antes de gravarmos 'Polícia', ficamos os quatro sentados, discutindo se ia ter palavrão ou não. Um dizia 'não, as rádios não vão tocar', o outro dizia 'pau no cu das rádios'. Pronto! (*risos*) Ficamos meia hora gritando 'filho da puta'."

Se no começo o sucesso da banda criou certo ressentimento no Brasil, isso hoje virou respeito.

Igor "É estranho, não é? Quando estávamos lá, ninguém ligava para nós, fora os fãs. No Brasil só se respeita o que já vem aprovado de fora. Na época do Made In Brazil, ninguém dizia que era uma ótima banda. Preferiam dizer que gostavam do Led Zeppelin ou do Black Sabbath. Precisou que uma revista inglesa dissesse que o nosso som era legal. Agora é tudo assim. 'O Sepultura é demais'! É bom gostarem da gente, mas isso fica meio falso."

Não é que a banda não goste de sua terra natal. Pelo contrário... as referências ao Brasil são constantes e a saudade é palpável. Mas o Sepultura sente que, profissionalmente, é preciso estar fora e acompanhar cara a cara o que acontece no mundo da música.

Andreas "Sempre quisemos tocar uma música do New Model Army, mas ficava só no papo."

Max "A gente nunca achava a música certa, aí o Igor deu a idéia de gravar 'The Hunt'. Tentei não gritar muito, porque a letra é *tão* legal. É sobre um cara querendo se vingar do traficante que fez do irmão dele um *junkie*. O Andy disse 'Pensa bem, você está puto, o cara fodeu com o teu irmão'. Aí eu entrei no clima, fiquei bravo."

Paulo "Para falar a verdade, a gente quis dar uma força para o cara comprar um dente novo. Todo o dinheiro do disco vai para isso." (*risos*)

A Sony queria o Sepultura para si. Ficou difícil para a banda sair do contrato que havia assinado com o selo independente Roadrunner. Conclusão: por enquanto, a Sony vai apenas cuidar da distribuição dos discos do grupo na América do Norte.

Igor "Se a gente tivesse assinado com eles, teríamos sido de número um na Roadrunner para número mil na Sony, atrás de Michael Jackson e todos os outros. Nós sabemos que gravadora grande é um perigo, se você não vende o quanto eles esperam, é adeus. Estamos indo aos poucos: quando acabar o nosso contrato com a Roadrunner, se tudo estiver indo bem, vamos para a Sony."

"Este disco vai dar o que falar. Falem bem ou falem mal"

SEPULTURA

Andreas "'Nomad' é bem pesada, bem letra."

Max "É uma espécie de resposta do Andreas ao 'Sad But True'." (*risos*)

Andreas "É sobre as tribos do Brasil e dos Et A., do que foi feito com a cultura, com a língua, com os costumes dessa gente."

Max "Gravei um documentário sobre uma tribo da Amazônia. Eles usam um toco enfiado na boca, falam uma língua do além e tem gente tentando catequizá-los! Os caras acreditam na lua! Simplesmente eles batendo uns paus no chão."

Andreas "O som vem de um *soundcheck* que fizemos na Indonésia."

Max "Temos um monte de material gravado em vídeo. A hora em que der um branco e bater o desespero, vamos apelar para isso!" (*risos*)

Quando pergunto a Igor se eles jamais pensam em chegar – em termos de fama e vendagem – onde bandas como o Metallica chegaram, ele me responde calmamente que acha legal o que aconteceu com esta banda em particular, mas não existe pressão dentro do Sepultura para acharem que têm que fazer algo semelhante.

Igor "O nosso objetivo nunca foi querer ser o Metallica ou os Guns N' Roses."

Pode ser, sugiro, que uma banda perca muita coisa ao chegar a tais alturas – como o Guns N' Roses por exemplo, que parece ter perdido a saúde mental!

Igor "É, mas eles vieram do nada e em cinco minutos chegaram lá em cima. Não é como o Metallica, que foi aos poucos."

Queiram ou não, a possibilidade deles chegarem a tal eminência é uma realidade. Mas é fácil concordar com Igor, dizendo que a banda é coisa de irmão. É família mesmo, casamento. Você aprende a conviver, vai indo e bolando. Fazendo esse disco, saía pau todo dia. Se tem algo que eles não gostam, tem que dizer para os outros na lata.

Andreas " 'Brotech Is Godzilla' é a única música rápida do disco. Foi o Jello Biafra quem escreveu a letra. O que foi uma grande honra."

Max "O dia em que telefonei para ele ficamos meia hora conversando. O cara tá ficando cada vez mais empolgado. Disse que faria a letra, que já tinha mil assuntos... eu nem conseguia falar! (*risos*). Disse que seria uma honra para ele fazer a letra. Ele recebe mil convites desse tipo e não aceita quase nenhum. Poderia ter juntado os Dead Kennedys de novo, ganhando uma grana, mas é íntegro demais."

Andreas "Ele mandou a fita com uma música nossa com a voz dele por cima, para termos uma idéia do vocal. Ele canta tudo, até o solo. (*risos*) O Max deu uma apetitada, ficou legal."

Max "Começa com 'Rio Summit 92/Street people kidnapped/Hid from view'. Na verdade, o Jello esteve lá, misturou tudo aquilo que viu com uma informação – não sei de onde ele tirou essa coisa! – sobre um plano de George Bush para testar germes, bactérias etc. na América Latina. Um plano de usar gente de cobaia. A partir disso, a letra diz que foi a biotecnologia que criou a Aids. O que ele diz é que a tecnologia por si não é uma coisa má, mas está nas mãos erradas."

Para o lado B, o Sepultura escolheu a dedo suas covers: "Polícia", dos Titãs, que no Brasil fará parte do álbum, "Crucificados Pelo Sistema" dos Ratos De Porão e "Inhuman Nature", do Final Conflict.

Max "As escolhas não foram nada óbvias. Qual a graça de fazer 'War Pigs' ou 'Anarchy In The U.K.'? Deveriam se proibir covers dessas músicas."

"Symptom Of The Universe" foi gravada especialmente para um disco de homenagem ao Black Sabbath, que sairá pela Concrete nos EUA. Além dos "boys from Brazil", contribuíram o Bodycount, o White Zombie e o Pantera, entre outros. Das demais covers que talvez nunca vejam a luz do dia, a mais intrigante parece ter sido "Looking Down The Barrel Of A Gun", dos Beastie Boys (do injustamente ignorado *Paul's Boutique*).

Domingo de manhã: o estúdio se enche novamente de jornalistas, desta vez todos alemães. Andreas se enfurna no estúdio com Andy Wallace enquanto os outros três começam mais uma rodada de entrevistas. "Sorte que eles sempre querem o Max e o Igor" diz Paulo, conseguindo escapar do interrogatório. Na hora de gravar algumas chamadas para rádios inglesas, ele capricha no sotaque britânico e diz "Lovely!" como um membro da família real.

A notícia ruim é que os shows que a banda faria junto ao Black Sabbath (com Ozzy novamente no comando) foram cancelados. A boa é de que talvez o Sepultura esteja no Brasil em janeiro, tocando no Hollywood Rock. Numa pesquisa feita durante o festival deste ano, o Sepultura foi eleito o grupo que as pessoas mais gostariam de ver. Enquanto isso, o fim-de-semana chega ao fim, e a pressão recomeça. Quem vai dar a palavra final?

Igor "Acho que este é um disco que tem mil influências, tem tudo aquilo que a gente costuma escutar, das viagens de dois anos de turnê. Estamos felizes com ele. É um disco que vai dar o que falar. Falem bem ou mal, mas vão falar."

A MODA DANÇA CONFORME A MÚSICA

Como você se veste diz o que você ouve? Um dilúvio de estilistas brasileiros estão começando a explorar a conexão música/moda

Foi-se o tempo em que você tinha duas festas bem diferentes na mesma noite e não podia ir a uma delas sem incluir no programa uma passada rápida em casa para trocar de roupa. Ou então não poder sair direto do trabalho para cair na noite (isto é, a menos que você seja uma *drag queen*). Hoje, o velho dito popular que afirma que o corpo fala tem um complemento: o corpo fala, sim, mas a moda dança conforme a música.

Quando anda pelas ruas, você esbarra o tempo todo em pessoas diferentes e observando um pouco mais o estilo de roupa que elas usam, é capaz de adivinhar o tipo de som que ouvem. Faça um teste: você dificilmente encontraria uma perua num conversível dançando louca ao som de Prince. Ou um grunge batendo cabeça com Ru Paul. A moda dos anos 90 parece se caracterizar pela busca da individualidade.

Hoje, mais do que nunca as pessoas podem, através da roupa, exteriorizar aquilo que são, pensam e, é claro, ouvem.

Acontece que nem todo mundo tem a sorte de correr até a loja mais próxima e dar de cara com a roupa dos sonhos. A falta de mais opções originais e divertidas fez com que as pessoas resolvessem investir na produção de sua própria vestimenta. Prova disso é a grande quantidade de novos estilistas, *griffes* e lojas que pipocam a cada semana. Não se pode negar que o advento da dance music aqueceu e muito o mercado da moda no Brasil. Praticamente todos os estilistas alternativos são freqüentadores da noite e justamente por essa razão estão antenados com o que há de mais novo e significativo no que diz respeito à moda e música. A estilista paulista Shina Sekine é um bom exemplo disso. Freqüentadora da extinta boate Nation, em São Paulo, ela trabalhou vários anos em confecções de renome, até partir para a produção independente e criar roupas que tivessem a sua cara. "Quando trabalhava para outras confecções, me sentia podada no sentido de não poder criar coisas mais arrojadas. O Brasil é um lugar excelente para se ter idéias, só que você é pago para copiar tudo o que é feito lá fora e isso acaba sendo muito frustrante."

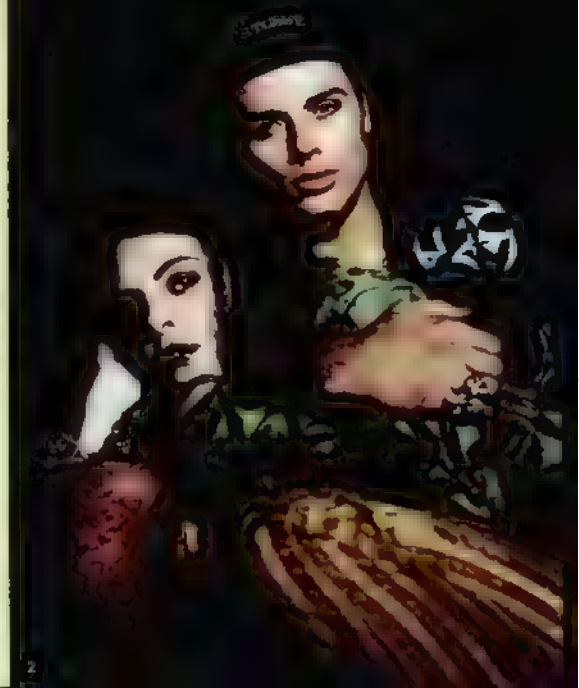
O investimento parece ter dado certo, pois Shina já vestiu gente do calibre de Snap!, David Byrne e Björk (a ex-vocalista dos Sugarcubes). "Que fique claro que *club wear* não é roupa de *drag queen*. É uma roupa normal, mas que tem uma influência muito grande da música."

Importada do Rio, a Sucumbe À Cólera foi criada há seis anos pelos artistas plásticos Liana Padilha e Régis Fadel, que há um ano e meio decidiram se mudar para São Paulo de carro, mala e cuia. Embora sejam os responsáveis pelos figurinos de Fernanda Abreu e do Kid Abelha, resolveram mudar de cidade porque não acharam no Rio um público que se identificasse com o tipo de roupa feita pela *griffe*. "Achamos que a dance music abriu esse espaço para a moda, mas a gente não faz roupa só para *clubber*. Eles vêm até nós e compram porque gostam de coisas diferentes", afirma Liana.

Mas nem tudo são flores. Uma das maiores dificuldades encontradas por quem quer começar a vender suas roupas, acessórios e *bijoux* é encontrar alguém que esteja disposto a dar uma força nesse sentido.

O estilista Oscar Rovella, da B.O.A.T., é uma espécie de "santo protetor" de toda essa turma. Há quatro anos no mercado, a B.O.A.T. optou por esse tipo de comportamento por existirem profissionais competentes, mas que ainda não dispunham de um espaço disponível para poder demonstrar o seu trabalho: "Eu acho impossível para a pessoa que cria pensar em todos os detalhes de uma produção".

Texto: Cláudia Lima Fotos: Rose Miasaki



Rovella afirma: "O trabalho que eu desenvolvo com diversas marcas e estilistas proporciona para o consumidor um leque maior de opções e estilos. As griffes pequenas não têm como abrir uma loja e necessitam de uma vitrine para mostrar suas criações"

A verdade no entanto, é que não é apenas a moçada *clubber* que encontrou lugares e pessoas com a mesma sede de se destacar no meio da multidão. Os *rappers* também estão cavando seu espaço nesse já disputado mercado da moda. As delirochadas griffes Anth-Mode e Festa Fun não têm um público alvo definido, mas são responsáveis por figurinos no melhor estilo Boyz II Men: calças *over sized* (aquelas largonas) e camisetas grafitadas (além de escolher a estampa de sua preferência, o cliente pode mexer na modelagem), entre outros itens. "Não fazemos somente roupas para *rappers* ou *street dance*, gostamos de fazer aquilo que você não encontraria nas lojas. Mas é engraçado notar como no Brasil não existe ainda nenhum lugar com produção direcionada para esse tipo de público", define Ronaldo Santos, da Anth-Mode

Essa falta de opção fez com que gente como o *rapper* Rooney Gonçalves começasse a produzir seu próprio guarda-roupa: "Você só encontra bonés e camisetas de times de basquete americanos. Como não gosto de *griffes* e não torço para nenhum desses times, decidi fazer minha própria roupa".

A Stussy, marca californiana que estará chegando brevemente no Brasil, também aproveita a lacuna existente no mercado e investe num tipo de público formado por skatistas e surfistas, sem no entanto se esquecer de que esses esportes estão intimamente ligados à música. "A etiqueta é conhecida como Stussy International Tribe ou World Tribe, pois engloba todas as tribos, sejam elas surf, skate, reggae, grunge, *clubber* ou funk", segundo Ricardo Lumbra, relações públicas da *griffe* no Brasil.

Tem para homem?

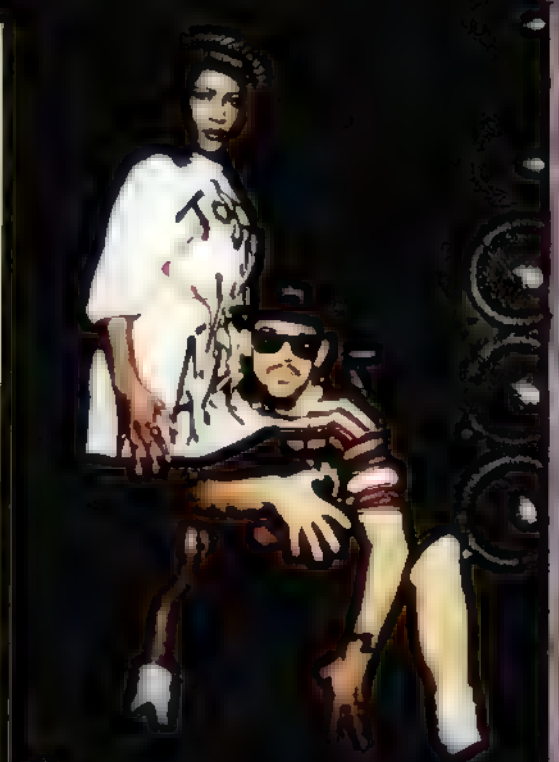
Então você está convencido de finalmente fazer uma mudança no seu visual, mas está com medo entrar numa loja e achar as roupas um tanto quanto "exóticas" para o seu gosto? Esqueça. Apesar de alguns estilistas serem bastante famosos por produzir um tipo de roupa fora do padrão convencional, eles garantem que é possível encontrar roupa para homem, sim. Alexandre Herchcovitch é conhecido em São Paulo principalmente pelo fato de vestir uma das mais famosas *top drags*, Márcia Pantera

Mas já alerta os desavisados que nem toda sua produção é anticonvencional: "Minha roupa não é só para *drag queens*; uso muito couro, ilhoses, e o próprio símbolo da *griffe* é uma caveira. Meu trabalho com a Marcia mostra a essência daquilo que eu crio. Não perco meu estilo nas roupas do dia-a-dia. A Márcia é um exagero daquilo que faço"

Ou seja, um grunge poderia visitar sem medo o atelier de Herchcovitch. Heitor Werneck, da Escola De Divinos é mais radical: "Acredito que a roupa tem que ter alguma coisa de *glamour* e personalidade, senão você se torna apenas mais um". Régis Fadel, da Sucumbe À Cólera, solta um petardo em cima dos caretas: "Aqui tem roupa para homem macho que não tem medo de parecer viado"

Básico: ser ou não ser?

Muito se tem falado no fim da ditadura do básico jeans-tênis-camiseta. As pessoas estariam cheias de se sentir iguais umas às outras. A discussão gera controvérsias: de um lado estão aqueles que defendem que a roupa básica serve para todas as ocasiões, desde o trabalho e a escola até para ir a um clube dançar à noite. De outro, os que acham que todos tem que ter roupa de festa: "Se não dá tempo de se produzir, o básico é uma roupa que vai a qualquer lugar sem nunca estar mal vestido", afirma Mafisa Batista, da Festa Fun. Heitor, da Escola De Divinos é taxativo: "O jeans fez as pessoas perderem a noção de vaidade e de estética. Todo mundo acha que é só botar um jeans e uma camiseta branca que está bom". Mas os estilistas concordam em um ponto: para estar bem vestida, a pessoa não precisa parecer um *outdoor* ambulante. Vale mostrar a criatividade e apostar na roupa que traduza seu modo de vida e o som que você ouve



Quanto custa um banho de loja?

Muitas vezes se montar pode não sair tão barato quanto se imagina. Abaixo, uma relação das *griffes* consultadas e uma estimativa de quanto você gastaria em média para uma produção no capricho:

■ **Shina Sekine** Calça, camisa estampada jaqueta: CR$ 11.000,00
■ **Alexandre Herchcovitch** Camiseta com estampa de caveira, calça com detalhes em couro e colete de pêlo sintético de vaca ou zebra: CR$ 11 500,00
■ **Sucumbe À Cólera** Calça, blusa e casaco: CR$ 20.000,00
■ **Festa Fun** Calça *over sized* (largas), camiseta grafitada, chapéu Red Potato e cordão: US$ 58,00
■ **Anth-Mode** Bermudão, casaco, camiseta e chapéu: CR$ 25.000,00
■ **B.O.A.T.** Vestido longo: entre US$ 110,00 e US$ 150,00

(Preços apurados em agosto de 93)

Serviço

- Alexandre Herchcovitch (011) 65-0966
- Alice Capella (011) 76-0239
- Anth-Mode (011) 289-1755
- Avant Garde R. da Consolação, 3444/ (011) 64-3633
- B.O.A.T Shopping centers Iguatemi/Morumbi/ Center Norte
- Escola De Divinos R. da Consolação, 2894/ (011) 853-26-55
- Festa Fun R. Augusta, 2862 - loja 1/(011) 64-3235
- Fernando Pires (011) 883-3623
- K-(Olho) Bijoux (011) 262 1654
- Red Potato Chapéus (011) 294-3301
- Gangsta Street Gear (011) 570-8403
- Shina Sekine (011) 34-0447
- Sucumbe À Cólera R. Augusta, 2925 loja 2/ (011) 64-5557
- Stussy (011) 212-0369
- Traesko Showroom Rua Oscar Freire, 540, loja 5, fone: (011) 64-5273

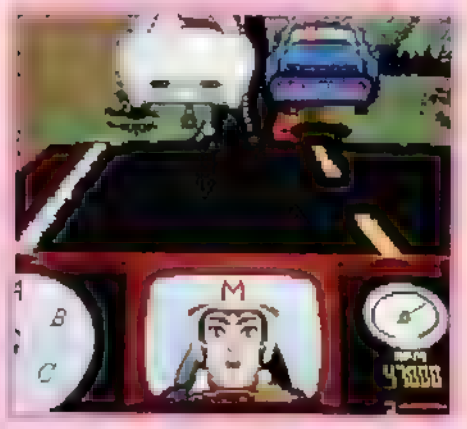
Créditos

1 Ela: Bolsa de veludo Red Potato; top de veludo Crazy Queen (Traesko); short In Cena (Traesko); sapato Fernando Pires; Dir: blusa de tela Crazy Queen; short In Cena; sapatos Traesko.
2 Ela: pantalona Shina Sekine; jaqueta Festa Fun. Ele: camisa e boné Stussy.
3 Ela: camisa grafitada Festa Fun; calça Shina Sekine; anel Avant Garde. Ele: camiseta e bermuda Stussy.
4 Ele: touca e camiseta grafitados Anth-Mode. Ela: camiseta e [illegible]
5 Ela: vestido Alexandre Herchcovitch; brinco e anel K-(Olho).
6 Ela: regata de lurex Alice Capella; acessórios K-(Olho). Ele: bota masculina Escola de Divinos.
7 Ela: capa, colete em lamê e saia calça Sucumbe À Cólera. Ele: gorro Gangsta Street Gear; colete tribal e calça grafitada Festa Fun.

Produção: Mônica Soldan
Maquiagem: Paulo Vargas (First)
Locações: Columbia & Overnight

LEIA INFORMÁTICA EXAME. E NÃO CONFUNDA COMPUTADOR COM UMA DOR MUITO FORTE.

Mouse não morde, hard não é um tipo de rock, disquete não toca e micro não faz pipoca. Hoje em dia não pega bem você dar esses foras. Imagine só você, o único da turma que não sabe que programa legal não é aquele da Rede Globo. Mas é fácil consertar isso, até porque INFORMÁTICA EXAME é uma revista muito fácil de ler.



Hardware e Software

Nestas duas seções você fica sabendo todas as novidades e como melhor usá-las. Fica conhecendo programas e utilitários. E também análises sobre micros, periféricos, drives etc.

On-line

Esta seção interliga os leitores entre si, entre consultores técnicos e com a própria revista. Via correspondência, você pode dar opiniões, conversar com outros leitores, tirar dúvidas, consultar profissionais especializados. É uma verdadeira rede de informações.

Guia do comprador

Quanto custa o computador que você quer, quais são as características e até o telefone do representante.
Monitores, impressoras e software também possuem uma tabela completa de compra.

Prazer

Depois de orientar você sobre como trabalhar melhor com o seu computador, INFORMÁTICA EXAME mostra como se divertir. Nesta seção, você fica conhecendo todos os jogos, programas educativos, brincadeiras.

Compre INFORMÁTICA EXAME nas bancas ou, se preferir em sua casa, pelo telefone. Na Grande São Paulo, ligue 823-9100; demais localidades, (011) 800-3777.

Informação hard. Leitura soft.

LANÇAMENTOS

NIRVANA

BMG-Ariola

In Utero

Ao entrevistar o R.E.M. para a BIZZ há um ano, perguntei ao baixista Mike Mills o que achava da ascensão-relâmpago e do sucesso fulminante conquistado pelo Nirvana, em contraponto à árdua década de estrada percorrida pelo grupo de Athens num esquema alternativo similar. Ele me disse que os considerava uma grande banda, mas que não gostaria de estar na pele deles.

Muito compreensível: uma coisa é você lidar com a fama e o sucesso gradativamente, se acostumando aos poucos aos prazeres e aos percalços que este tipo de vida reserva. Mas algo totalmente diferente é chegar como um foguete a este "clube privado", onde fortes interesses financeiros, excessos de todas as espécies, escândalos, assédios diversos e falta de privacidade fazem parte da rotina.

Por isso, o trio de Seattle tinha razão de se sentir meio destrambelhado e assustado com a responsabilidade de conceber o sucessor do multiplatinado *Nevermind*. Seu líder, Kurt Cobain, foi o mais visado neste processo que incluiu problemas pessoais (brigas com sua mulher Courtney Love, rispidos arranca-rabos com a imprensa, prisão por porte de armas) e artísticos (sucessivos adiamentos do lançamento do disco, desentendimentos com o produtor Steve Albini, atritos com a gravadora Geffen etc.).

Assim, a edição deste *In Utero* foi um parto difícil, mas que acabou solidificando a posição do Nirvana no universo pop – não apenas para os fãs, mas também servindo de resposta para os adversários ferozes do grupo que apostavam que aquele "trio de porra-loucas" não iria fazer mais nada depois de *Nevermind*.

E *In Utero*, apesar de conter alguns elementos já utilizados no álbum anterior, claramente não tem o mesmo apelo comercial e joga suas fichas mais no "som podreira". Talvez as principais responsáveis por isso sejam as mãos de Steve Albini nos controles, detonando porradas como "Scentless Apprentice", "Milk It" e "Radio Friendly Unit Shift", faixas onde as descargas de distorção conduzem guitarra e baixo sobre o ritmo maníaco da bateria, bem ao estilo *hardcore* do Big Black, o antigo grupo de Albini e um dos expoentes neste estilo musical. Isso quando Kurt e sua turma não recorrem ao punk rock curto e grosso – caso de "Very Ape" e "tourette's".

Mas não é só: começos e finais de faixas são repletos de barulhos diversos, microfonias, ruídos ambientes etc., o que serve para acentuar ainda mais a sensação de caos que permeia a maior parte do disco.

Outras canções como o primeiro single do álbum, "Heart-Shaped Box" (uma das faixas com mixagens adicionais de Scott Litt, produtor do R.E.M.), "Serve The Servants" e "Rape Me" utilizam-se da pauleira melódica que celebrizou os maiores hits de *Nevermind*, mas apenas como recurso musical e não por mera repetição ou concessão comercial. E há até mesmo baladas "singelas" como "Dumb" e "All Apologies" – suaves exceções entre as tempestades de guitarras do álbum –, ambas melancolicamente embaladas pelo ceilo de Kera Schaley.

Mas apesar de ainda destilar revolta, junto a suas encarnações com o estrelato e até mesmo uma tendência suicida explícita (vide "I Hate Myself And I Want To Die", não creditada no encarte do disco), Kurt parece se preocupar bastante com sua atual condição de "pai de família" e com criações que não cheirem ao "espírito juvenil" estigmatizado em sua pessoa. É o que se pode deduzir a partir do título do disco e de algumas letras como "Pennyroyal Tea" (sobre um método de indução ao aborto, onde até Leonard Cohen é citado) e "Frances Farmer Will Have Her Revenge On Seattle" (tributo à atriz cinematográfica dos anos 30 que inspirou o nome de Frances Bean, a filha de Cobain com Courtney Love).

Posto isso, é bem compreensível que aqueles fãs que esperavam por um *Nevermind – Vol.2* fiquem meio perdidos ao ouvir este *In Utero*. Não é para menos: é um disco difícil. Mas nascer também não é fácil e a gente acaba se acostumando a viver.

CELSO PUCCI

Ilustração: Fábio Cobiaco

DISCOS

RUPAUL

Warner

Supermodel Of The World

Mesmo sem saber a diferença entre *drag queen* e travesti, nada impede que você se divirta a valer com essa primeira bolacha da(o) tres-lou-ca-da(o) RuPaul.
Com 1,90m e sua posição sexual heterodoxa, a(o) moça(o) já chegou fe-chan-do para tomar o trono de Divine, falecida musa do *hi-NRG*. E sentar é com ela mesma! Líder absoluta(o) entre as *drags* e destaque do desfile Gay Pride deste ano, RuPaul faz as bichas suburem pelas paredes, dar urros histéricos e se exibirem como pavões no cio ao anunciar as modelos famosas na música título: "... Linda Christy, Claudia and Naomi..." É uma verdadeira apoteose pederasta.
A ferveção dura o disco inteiro no qual não falta uma cover de "Everybody's Dance" (Chic) e a participação de Fred Schneider, dos B-52's. RuPaul ousa onde Madonna não foi por pura falta de testículos e ainda expõe suas raízes black no *soul groove* "Supernatural" e em "Back To My Roots".
Enquanto as homofóbicas canções de Axl Rose vêm sendo esquecidas, as *drags* estão cada vez mais próximas de todos. Por isso, se você estiver numa das milhares de pistas de dança ao redor do mundo e sentir uma imensa alegria e um comichão esquisito, cuidado! RuPaul pode estar te encoxando. E depois, se você gostar? Ai, que merda... *ALEXANDRE ROSSI*

JAMIROQUAI

Sony

Emergency On Planet Earth

Jason Kay (JK) e sua banda Jamiroquai foram aclamados como um dos novos talentos ingleses de 92. Mas de novo, ele só tem a idade (ao redor dos vinte). O som é calcado no *jazz funk* dos anos 70, de Roy Ayers aos Blackbyrds.
A voz de Jamiroquai (é o nome da banda, mas como é só JK que aparece, acabou virando seu nome) vem do manual do Stevie Wonder. Em inovações, o mesmo a que ele se permite é utilizar um digeridoo (espécie de instrumento de sopro dos aborígenes australianos, muito em moda agora) em duas faixas. Uma delas, "When You Gonna Learn?", foi o primeiro single, lançado pela indie Acid Jazz, que o levou ao contrato com a Sony.
Veredito: um saudosista que só sabe requentar pratos conhecidos? Nada disso, pois como outros nostálgicos do momento, como os Black Crowes ou Lenny Kravitz, Jamiroquai tem o dom de criar levadas redondas e refrões chamativos (com o mesmo bom gosto). Sua banda é muito competente e coesa, manejando com segurança todos aqueles violinos, pratos sibilantes, metais e órgãos Fender Rhodes.
Resultado: embalado por cervejas suficientes, com o som no talo, é impossível não balançar ao som de "Too Young To Die", de "Blow Your Mind" ou da faixa-título.
Nessas horas quem vai se lixar se tudo já foi feito antes?
Uma boa estreia, mas no próximo disco já podemos exigir mais variações de estilos e letras menos infantis ("o Armagedon está perto", "a revolução é a única maneira de mudar": bem-intencionado mas muito mal articulado). Por enquanto, relaxe e dance. *CAMILO ROCHA*

CAETANO E GIL

PolyGram

Tropicália 2

Dizem as avós: "Quando a esmola é demais, o santo desconfia".
O lançamento de *Tropicália 2* foi precedido de tamanho *hype* que a gente até fica um pouco encabulada com a tarefa de falar a respeito. Na hora de ouvir, a primeira atitude é pensar que é só um disco. Não aquele abalo musical da cultura nacional que se anunciou.
Para quem detesta Caetano, Gil e MPB (a velha), tem "Rap Popcreto" (*argh!!!*), "Dada" (*argh!!! 2*) e "As Coisas" (*arrgh!!! 3*).
A face mais detestável do rescaldo tropicalista está aí – a auto-referência excessiva, a eterna babação com os "irmãos Haroldos" e a perseguição desorientada da "modernidade".
Agora, tem uma versão muito legal de "Cada Macaco No Seu Galho (Chô Chuá)", com aquelas guitarrinhas safadas daquelas bandas no meio do caminho entre a Jovem Guarda e o brega. Outras igualmente bacanas são o hit dançante – já gravado pelo Olodum – "Nossa Gente" (de Roque Carvalho), a regravação da simpaticíssima "Tradição", de Gilberto Gil, o samba-homenagem "Cinema Novo" e "Baião Atemporal". Ou seja, exemplos do melhor da tradição sincrética tropicalista.
***Tropicália 2*, o disco, é irregular e tem escorregões pasteurizadores do produtor Liminha – a versão de "Wait Till Tomorrow", de Jimi Hendrix, está aí para não me deixar mentir.**
***Tropicália 2*, o estardalhaço, não dá para engolir.**
Pensem no Haiti, rapariada. Lá é pior. *BIA ABRAMO*

CYNDI LAUPER

Sony

Hat Full Of Stars

O novo disco de Cyndi não é uma catástrofe. Até começa bem, com as flautas e os tambores marciais das faixas "That's What I Think" e "Product Of Misery". Cyndi também acerta ao revisitar os anos 70 em "Like I Used To".
O problema é que ela se perde ao querer "mostrar serviço". Em vez de ficar em seu canto pop, usa sua volta para experimentações que estão acima de sua singela capacidade e que não chegam aos pés de canções como "Time After Time" e "Girls Just Wanna Have Fun". Pode ser que Cyndi tenha perdido um pouco a mão, mas não a cabeça. Suas boas letras provam que ela continua em forma. *CELSO FIORAVANTE*

SKREW

Warner

Burning In Water, Drowning In Flames

A culpa é do Al Jourgensen. Ainda que ele não assuma a paternidade deste grupo megaesporrento, a ambiência pós-Ministry do álbum deles fala por si só, revelando um cenário infestado por urros agônicos, guitarras de rapina e *drum machines* que batem no peito como um soco-inglês. É o que rola no cyber rap "Poisonous", no ritual de mutilações de "Indestructible" e na releitura *dancecore* do hit dos Stones, "Sympathy For The Devil". De acordo, a produção foi de Phil Owen (Skatenigs) – mas são as aparições em carne e aço de Mike Scaccia (Ministry), de Jim Marcus (The Warzau) e do citado "Mad Al" que garantem a nossa diversão. *ARTHUR G. COUTO DUARTE*

PATO FU

Cogumelo

Rotomusic De Liquidificapum

Você iria acreditar se te dissessem que em Belo Horizonte existe uma banda com talento o bastante para calar os pretensos "grandes" do rock nacional, aniparados por majors e repetindo bocalidades? Pois existe. Seu nome é Pato Fu.
Nesse álbum de estréia, a curiosidade é aluvada já na primeira faixa – a título, que põe lado a lado hardcore com "versos infantis" e inclui uma cover de "Meet The Flintstones". Dai para frente, você se vicia na mistureba.

Mais legal são as letras de faixas como "O Processo Da Criação Vai De 10 Até 100 Mil" ou "O Mundo Ainda Não Esta Pronto", sempre em bom português. Por que não estouraram ainda nas rádios? Você conhece mineiro típico?
JOSÉ JÚLIO DO ESPÍRITO SANTO

FISHBONE

Sony

Give A Monkey A Brain And He'll Swear He's The Center Of The Universe

O problema do Fishbone é o tempo. Vieram antes da hora, eram no presente e antecipam um futuro pouco promissor. Este disco seria para consagrar Angelo Moore & Cia., depois do "acontecimento" de Red Hot Chili Peppers, Primus e outros. Não aconteceu. E não que seja ruim: a confusão sonora deles tem *funkcore*, ska, punk, soul... –, mas entrega um certo desespero de tentar provar alguma coisa. "Drunk Skitzo" é o que diz o nome e "Black Flowers" mostra a banda perdida num surdo funéreo.
Tudo fica embolado, pela sensação que eles passam de ter sempre algo a provar. *FÁBIO MASSARI*

PRIMUS

Warner

Pork Soda

O Primus diz que seu som é *progressive freak out music*, mas continua estranho e inclassificável. Um fanzine americano o definiu como "a melhor banda naquilo que faz, onde afinal, é a única". Verdade e sacanagem. Verdade porque ninguém consegue misturar viagens, virtuosismo e senso de humor como os caras. E sacanagem, porque Les Claypool (baixo/voz), Larry LaLonde (guitarra) e Tim "Herb" Alexander (bateria) estão fazendo muita gente repensar o rock. Você pode até não gostar, mas tem de admitir que eles são diferentes de tudo que está aí.
A receita é tão complicada quanto os ritmos alucinados que saem do baixo de Les: jazz, funk, barulho, bitonalismo, minimalismo, vocais declamados e guitarras alucinadas, num clima anárquico de empolgar os punks de carteirinha.
***Pork Soda*, o quarto disco da banda, repete a zona musical dos anteriores. Mas deixa a atitude punk um pouco de lado, o que fez com que o grupo ficasse entre os dez mais vendidos da *Billboard*.**
O disco é a melhor coisa da banda desde o arrasador álbum de estréia, o EP ao vivo *Suck On This* (90). Além das tradicionais pirações instrumentais, o álbum tem pelo menos um refrão forte, em moldes nada convencionais: "Welcome To This World".
A influência de King Crimson é descarada em "Hamburguer Train", um tema instrumental de oito minutos que não torra o saco. Larry transforma sua guitarra em elefante, em metralhadora e – é claro – no trem que dá nome à música.
E muita atenção, fãs: *Pork Soda* também traz a versão em estúdio de "Pressman", gravada no primeiro EP. *ROBERTO GUIMARÃES*

TINA TURNER

EMI-Odeon

What's Love Got To Do With It

A trilha de sua cinebiografia traz Tina cantando músicas inéditas,

regravações de seus hits com Ike Turner desde o início dos anos 60 ("A Fool In Love"), até as décadas de 70 ("Nutbush City Limits") e de 80, já em carreira solo ("Disco Inferno"). Uma grata surpresa. *CLÁUDIA LIMA*

PATO BANTON AND THE REGGAE REVOLUTION

EMI-Odeon

Live And Kickin' All Over America

É engraçado um cara como Pato Banton fazer sucesso cantando contra as drogas e o sexo livre. Parece que o mundo está mesmo ficando mais careta – mas nem por isso menos divertido e excitante. O tal do Pato, um dos pastores do novo reggae, arrasta procissões onde quer que passe (no Brasil, ficou gente de fora dos shows). Nos EUA, onde este disco ao vivo foi gravado, dá para ver como e por que o bicho pega, em faixas como "Don't Worry", "Niceness", "All Drugs Out" e "From Now On". Uma das melhores coisas do reggae atual. *OTÁVIO RODRIGUES*

DISCOS

IRA!

Warner

Música Calma Para Pessoas Nervosas

ULTRAJE A RIGOR

Warner

Ó!

Não fosse pelo último álbum dos Titãs, *Titanomaquia*, estes novos discos do Ira! e do Ultraje A Rigor seriam simplesmente patéticos – "obras" mofadas, deslocadas no tempo.
Mas como os Titãs fizeram o desfavor de inventar o "grunge cabeça", como eles bateram todos os recordes de artivismo, como renunciaram ao tempo em que tocavam flautinha na porta da FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, templo do "rebanho que nasce" paulistano) para – à beira dos 40 anos – posar de revoltados pubescentes, estes novos discos do Ira! e do Ultraje passam a ganhar contornos diferentes.
Contornos de honestidade.
O Ira! continua o mesmo. Uma revolta difusa, desfocada, contra não se sabe bem o quê. As letras permanecem ingênuas. A guitarra sempre econômica, como algo que nunca apita. Os vocais continuam sem gás.

Mas em tempos de desespero pós-trinta e cacetada, continuar o mesmo é um mérito e tanto. Depois de anos e anos, a banda já consegue fazer coisas que não sejam imitações diretas de The Jam. Afinal, Paul Weller virou o *yuppie* mais escroto do sistema solar e pega mal ter a imagem ligada ao cara. Destaque do álbum: "Na Minha Mente", canção mais ou menos pesada. Pelo menos a guitarra não soa como se tocada dentro de um silencioso de escapamento.
Já o disco do Ultraje não tem nada que valha ser citado. A não ser que é honesto. Que parece feito por quem ignora tudo o que se passou no planeta desde a morte de Buddy Holly. Basta, não?

ÁLVARO PEREIRA JR.

ROBERT PLANT

PolyGram

Fate Of Nations

Plant gastou quilos de ironia contra Jimmy Page, por causa do tal "Led Snake" que este cometeu com David Coverdale. Agora vem com o disco mais "zeppelinuano" de sua carreira solo. "Calling To You", a faixa que abre *Fate Of Nations*, parece um rascunho para algo do *Physical Graffiti*, com aquele clima oriental e tudo mais. Nenhum problema, dá para ouvir no rádio na boa.

Mas Plant continua de miolo mole. Superou em parte aquela fase das letras a respeito de fadinhas e pirilampos, apenas para ficar com um papo ecológico sobre natureza, crianchinhas, bichinhos e outros "ui-ui-uis". Melhor as fadinhas.
Como prova da lerdeza mental do velho hippie, há essa capa parecida com aquelas de discos evangélicos a Terra derretendo sob o olhar de duas crianchinhas e um ursinho de pelúcia. Vê o que dá tomar muitas drogas? *ROGÉRIO DE CAMPOS*

MONIE LOVE

EMI-Odeon

In A Word Or 2

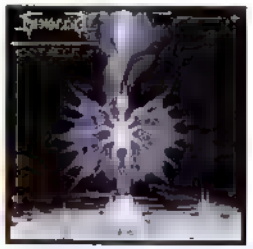
Desde o primeiro álbum – *Down To Earth* (90) –, esta londrina usava soul/hip hop/house para içar sua bandeira feminista. Aqui, ela soma o jazz rap e canta a prevenção da Aids ("There's A Better Way"), alerta sobre a heroína ("4 Da Children") e os apuros das mães solteiras – "Born To B.R.E.E.D. (Build Relations Where Education And Enlightenment Dominate)" –, e, lógico, batalha pelo feminismo ("Let A Woman B A Woman").
Às vezes, o disco soa politicamente correto demais e até ultrapassado musicalmente com *scratches* e *samples* previsíveis, mas em *rhythm n poetry* Monie é mestra.
JOSÉ JÚLIO DO ESPÍRITO SANTO

GENOCÍDIO

Hellion

Hoctaedron

Dizem que o metal brasileiro chegou à maturidade. Vou mais longe. Bandas como Genocídio – apesar da falta de equipamentos e blablablá – não ficam devendo nada às de fora. É podreira mesclando excelentes influências (Hellhammer, Venom), com letras de teor místico sem aquelas baleias diabólicas que já encheram o saco, pois Juma (baterista e autor da maioria das músicas), há tempos mexe com esoterismo. Fugindo da recente *death/grindcore*, eles fizeram um último disco. *ROBERTHALFOUN*



A-HA

Warner

Memorial Beach

Neste sexto álbum, o A-Ha mantém a linearidade brejeira dos trabalhos anteriores: baladas e tecladinhos melodicamente pobres, refrões insossos e a voz sussurrante de Morten Harket, tudo sub-produto de Duran Duran. Definitivamente, ouvir *Memorial Beach* é perder cinqüenta minutos na vida. É para complicar o sucesso do disco, um probleminha para o grupo: ele não vai atingir o seu público alvo, as adolescentes. Elas agora querem consumir o som de Seattle, o visual grunge e já esperam a próxima tendência. *CRISTIANE FONTES*

SUICIDAL TENDENCIES

Sony

Still Cyco After All These Years

Este é um disco velho transformado em novo. Aproveite bem porque é a última chance de ouvir o grupo com Mike Muir, já ex-vocalista da banda. Ele resolveu trocar de vez o ST pelo seu até então projeto alternativo Infectious Grooves. Mas deixou uma herança interessante neste *Still Cyco...*
Além da gozação em cima do clássico disco de Paul Simon dos anos 70, o álbum é uma brilhante idéia: é o primeiro disco deles regravado com muito mais grana e experiência. Há quem vá dizer que não tem a mesma rusticidade das gravações originais. Mas não dê bola para essas frescuras chorosas. O trabalho de releitura de suas composições é vivo e brilhante. Pau puro. Larga essa vadiagem de mão, vai até a loja e grita para o cara do balcão: "Me dá!" *JIMI JOE*

TEARS FOR FEARS

PolyGram

Elemental

Este TFF "sob nova direção" cheira a dor-de-cotovelo. Roland Orzabal parece que resolveu gravar um disco para extravasar a raiva contra o ex-parceiro. A cada duas faixas do disco vem uma farpa contra Curt Smith.
"Tenha alguma honestidade/Saia de sua jaula e deixe aparecer o verdadeiro tolo" ("Goodnight Song"). "Nós costumávamos sentar e conversar sobre grito primal/Exorcisar nosso passado era nosso sonho adolescente/Mas agora é sucesso ou fracasso, já que a sua memória falha" ("Fish Out Of Water"). A única boa mesmo é "Brian Wilson Said", homenagem ao ex-líder dos Beach Boys. *VITOR PAOLOZZI*

STEREO MC'S

PolyGram

Connected

Tudo bem, para quase todo mundo Stereo MC's é uma das grandes "novidades" da dance music. Mas vejamos como eles são na real: uma das melhores bandas de rap britânico, com alto apelo pop e inventividade. Neste terceiro disco, ela se aperfeiçoa e faz seu melhor trabalho. O grupo sempre buscou o "gancho de ouro" (vide canções como "Lost In Music" e "Elevate Your Mind") e agora conseguiu um monte deles ("Connected", "Step It Up", "Ground Level").
Além disso, há detalhes como duas notinhas de Hammond, um sopro furtivo, o estilo do rap de Rob Birch, as chamadas e respostas entre o seu vocal (branco) e as *backing vocals* (negras). Um álbum essencial. Compre já. *CAMILO ROCHA*

REDMAN

Sony

Whut? Thee Album

O primeiro álbum deste rapper que apareceu pela primeira vez na faixa "Hardcore", do disco *Business As Usual* (da gangue EPMD), é tudo menos *hardcore*, é arrastão.
As faixas são cheias de samples da época de ouro do funk, quando negão era negão e não uma massa musculosa vestindo gorro de New York Raiders. As batidas são lentas e pesadas, tipo Eric B & Rakim, fumando muita maconha. Na abertura, Redman ordena: acenda o baseado e deixe o funk te guiar. Mas os raps são bobos, óbvios e, às vezes, misóginos. Os produtores Eric Sermon e Ragga Noble do EPMD colagens sonoras, *loops*, mas o Redman não se entrega – se arrasta. *JAN FJELD*

MAXI SINGLES

A PolyGram lançou cinco CDs maxi-singles do METALLICA por aqui de uma só vez (aqueles citados na BIZZ 95). Lá fora eles saíram entre 91 e 93. Cada um tem três ou quatro músicas. O esquema é sempre o mesmo: o hit, ma versão demo (quase sempre gravada apenas por James e Lars), mais alguma cover ou faixa inédita. O megassucesso "Enter Sandman" e acompanhado pela cover de "Stone Cold Crazy", do Queen, que valeu ao Metallica seu segundo *Grammy*, em 91. "Enter (Demo)" é a mais interessante de todas – instrumental, ótima para um karaoke metálico. No segundo maxi-single, "The Unforgiven", se destaca outra cover: "Killing Time", do Sweet Savage, um grupo da *new wave of british heavy metal* que chegou a ter o guitarrista Vivian Campbell (Whitesnake) em suas fileiras. "Nothing Else Matters" tem duas ao vivo: "Harvester Of Sorrow" e "Enter Sandman". As é que está o galho. Até o fã mais radical é capaz de enjoar de tanta "Enter Sandman", no rádio, na TV, nos videos e nestes CDs. Só vale como curiosidade a demo de "Wherever I May Roam", no CD de mesmo nome. Com as letras incompletas, o incauto comprador vai ouvir James uma murmurar incompreensível da melodia. Para compensar, tem "Fade To Black" ao vivo, sempre linda. No maxi-single "Sad But True", aparece "Nothing Else Matters (Elevator Version)" com apenas uma guitarra e sem o coro. Uma boa para quem gosta de balada. Sem contar "Creeping Death" ao vivo, com os carismáticos backing vocals de Jason Newsted. *JOÃO RICARDO LIMA*

E NA ÁREA POP... Além dos CD maxi-singles já citados na BIZZ 95, a PolyGram lançou ainda "The One", de ELTON JOHN, com a açucarada faixa-título e "In These Arms", do BON JOVI, que contém seus três hits mais recentes: o hard pop que dá nome ao disco (em estádio e ao vivo), "Keep The Faith" (ao vivo) e "Bed Of Roses" acústica, que supera de longe a primeira versão. *J.R.L.*

FERRARI · MONTLETTE · RADIETTI · PATINETE · FUSCA · VIVIL · CD · CASSETE

FFD VIDEO 4AREW

VÁRIOS

P. U. N. K.
Warner. 92. *Direção: Vários. 53 min.*
Uma coletanea desconjuntada, mal-filmada e com um som que não é lá essas coisas. Natural são instantâneos punk, que foram capturados ao vivo ou em apresentações especiais feitas para a TV Granada, britânica. E dane-se, punk é pré-MTV e não precisa ter cara da *Vogue* italiana. Espontaneidade e porra-louquice são as pedras de toque.
Aqui está boa parte da nata do punk e da new wave em toda sua tosca majestade. Os **SEX PISTOLS**, claro, mandando ver "Anarchy In The U.K." num *Globo De Ouro* britânico –segundo a Warner, na estréia televisiva do grupo. Tem **SIOUXSIE AND THE BANSHEES**.com ela ainda mocinha e um tesão, cantando ao vivo. E mais: **THE CLASH, THE BUZZCOCKS, THE JAM, ...** Os fabulosos **THE STRANGLERS**. **IGGY POP** muito louco, num stage diving sobre a cabeça da rapaziada. **THE BOOMTOWN RATS**, quando Bob Geldof era legal. E, finalmente, o **JOY DIVISION**, em seu único registro em vídeo lançado no Brasil.
Para punkófilos, esse vídeo é um verdadeiro item de colecionador (embora seja até meio chato às vezes). Se você se ligou há pouco tempo em rock, não perca: um panorama indispensável.

ANDRÉ FORASTIERI

LIVROS

JAGGER & HENDRIX

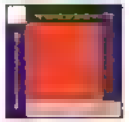
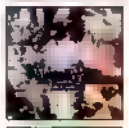
Se formos acreditar nas considerações de **CHRISTOPHER ANDERSEN** no livro **Mick Jagger Não-Autorizado** (lançado no Brasil pela editora Harbra), vamos crer que a atividade mais constante dos "velhos lábios de borracha" não era a música, ou se drogar – apesar disso ser uma constante nas mais de quatrocentas páginas do volume. O que mais Mick fez em cinqüenta anos foi trepar.
Transformado em um supremo "pica doce" *jet setter* pela pena de Chris, o sr. Jagger passou na cama meninhas, senhoras, rapazes e senhores. Na ala hetero: Carly Simon, Linda Ronstadt, Madonna e, possivelmente, Bette Midler. Na ala homo: David Bowie, Andrew Loog Oldham (empresário dos Stones na década de 60), Keith Richards, Eric Clapton (o autor diz que "Deus" saía "maquiadíssima" pela Swinging London) e Rudolf Nureyev.
É para se desconfiar de 99,9% das "revelações" de Andersen. Em muitos casos, ele "chupou" errado de outras fontes, distorceu declarações e situações. Broncas e processos não vão demorar. Patti Labelle, uma das pretensas "merendas", escreveu aos jornais para reclamar do que o livro insinua. "Na cama com Jagger," rugiu, "Nunca!"

JOSÉ EMILIO RONDEAU

Uma biografia gigante, mas melodramática, é **A Vida De Jimi Hendrix** (editora Espaço E Tempo). O autor, **DAVID HENDERSON**, desenterra toneladas de histórias a respeito do guitarrista. Mas, aparentemente, acreditou em tudo o que ouviu dos amigos nostálgicos de Hendrix. Até na história que discos voadores vieram ouvi-lo quando tocava na beira de um vulcão.
Mesmo quando descreve os tabefes de Jimi em alguma namorada, Henderson usa aquele tom sentimentalóide das biografias de santos. O guitarrista pode até ter sido um "Deus" (é até fácil acreditar nisso), mas santo..., dá licença.
De qualquer maneira, é um trabalho respeitável de pesquisa. Henderson fala de quase todo mundo que teve alguma relação com Hendrix (mesmo daqueles que uma vez tenham tido uma conversa a respeito de aura com o guitarrista).
Ainda que em estilo assumidamente rococó, o autor descreve detalhadamente os shows, as gravações e a morte de Jimi.
Um aviso: a edição brasileira não tem as fotos e a discografia completa que aparecem no original, mas o maior problema é quantidade de erros de tradução e de revisão.

ROGÉRIO DE CAMPOS

BOLSA DE DISCOS

		ANDRÉ BARCINSKI Jornal da Tarde, SP	ARTHUR G. COUTO DUARTE Estado de Minas, MG	CARLOS EDUARDO MIRANDA BIZZ	CELSO FIORAVANTE Folha de S. Paulo	CESAR PUCCI BIZZ	FÁBIO MASSARI Som Pesado, 89 FM, SP	JEAN-YVES DE NEUFVILLE O Estado de S. Paulo	JOSÉ J. DO ESPÍRITO SANTO BIZZ	LEONARDO NET 99 FM, SP	ZECA CAMARGO MTV
7,67		NEIL YOUNG • *Unplugged* • Warner	4	10	10	8	9	8	6	8	6	•
7,50		U2 • *Zooropa* • PolyGram	2	9	5	8	8	8	9	9	7	10
7,10		ROD STEWART • *Unplugged...And Seated* • Warner	6	9	9	8	8	7	7	5	8	4
6,20		TITÃS • *Titanomaquia* • Warner	0	7	7	7	6	7	8	5	7	8
5,40		NEW MODEL ARMY • *The Love Of Helpless Cause* • Sony	3	5	5	6	3	8	3	8	6	7
5,30		MORRISEY • *Bethoven Was Deaf* • EMI-Odeon	5	7	0	7	7	6	5	5	5	6
5,20		ANTHRAX • *[Sound Of White Noise]* • Warner	2	8	2	7	3	6	7	4	6	7
5,00		ARRESTED DEVELOPMENT • *Unplugged* • EMI-Odeon	2	6	9	8	6	5	1	3	5	5
4,60		BILLY IDOL • *Cyberpunk* • EMI-Odeon	3	6	2	7	2	5	6	2	6	7
4,22		STONE TEMPLE PILOTS • *Core* • Warner	3	5	0	5	1	6	•	4	7	7

PARADA

EUA

1. CYPRESS HILL • *Black Sunday* • Ruffhouse
2. U2 • *Zooropa* • Island
3. VÁRIOS • *Sleepless In Seattle* • Epic
4. JANET JACKSON • *janet.* • Virgin
5. BARBRA STREISAND • *Back To Broadway* • Columbia
6. STONE TEMPLE PILOTS • *Core* • Atlantic
7. ROD STEWART • *Unplugged... And Seated* • Warner
8. VÁRIOS • *The Bodyguard* • Arista
9. DR. DRE • *The Chronic* • Death Row/Interscope
10. BILLY RAY CYRUS • *It Won't Be The Last* • Mercury

EUA College

1. PAUL WESTERBERG • *14 Songs* • Sire/Reprise
2. PORNO FOR PYROS • Warner
3. TEARS FOR FEARS • *Elemental* • Fontana/Mercury
4. NEW ORDER • *Republic* • Qwest/Warner
5. X • *Hey Zeus!* • Big Life
6. URGE OVERKILL • *Saturation* • DGC
7. THE POSIES • *Frosting On The Beater* • DGC
8. DRAMARAMA • *Hi-Fi Sci-Fi* • Chameleon
9. U2 • *Zooropa* • Island/PLG
10. THE CRANBERRIES • *Everybody Else Is Doing It...* • Island/PLG

GB

1. UB40 • *Promises And Lies* • Dep International
2. U2 • *Zooropa* • Island
3. MICHAEL BALL • *Always* • Polydor
4. SMASHING PUMPKINS • *Siamese Dream* • Hut
5. SPIN DOCTORS • *Pocket Full Of Kryptonite* • Epic
6. 4 NON BLONDES • *Bigger, Better, Faster, More!* • Interscope
7. R.E.M. • *Automatic For The People* • Warner
8. ABBA • *Gold - Greatest Hits* • Polydor
9. ROD STEWART • *Unplugged... And Seated* • Warner
10. JAMIROQUAI • *Emergency On Planet Earth* • Sony

AUSTRÁLIA

1. U2 • *Zooropa* • Phonogram
2. LED ZEPPELIN • *Remasters* • Warner
3. TAYLOR DAYNE • *Soul Dancing* • BMG
4. ERIC CLAPTON • *Unplugged* • Warner
5. BARBRA STREISAND • *Back To Broadway* • Columbia
6. VAN MORRISON • *Too Long In Exile* • Polydor/PolyGram
7. ROD STEWART • *Unplugged... And Seated* • Warner
8. VÁRIOS • *The Bodyguard* • Arista
9. SPIN DOCTORS • *Pocket Full Of Kryptonite* • Sony
10. JANET JACKSON • *janet.* • Virgin

Primeiro Caderno do Estadão.
Agora com nova programação visual.

O ESTADO DE S. PAULO

Fazenda prevê impasse salarial

Ministra quer ponto final na estabilidade

Tranqüilidade é o segredo da boa digestão

DOMINGO

Al Pacino volta às telas com "Perfume de Mulher"

O estilo Maitê Proença de vestir

Adriana pronta para os palcos paulistas

Veda é contra "golpe" e quer o crescimento

Itamar nomeou mais ministros que Collor

A turma do Casseta & Planeta arrasa na TV, em jornais e revistas, e tenta agora nova cartada. Vai gravar um disco

Trapalhadas de Itamar: Pedreira vê e ataca

A obra de Tom Wolfe, o tema de Paulo Francis

DÓLAR

POUPANÇA

ASTRAL HOJE

TEMPO

LOTO

HOJE 72 P2

Autos & Acessórios | Empregos | Imóveis | Negócios & Oportunidades | Linha Quente | Caderno 2

FAZIA TEMPO QUE A GENTE NÃO VIA UM FIM DE SEMANA TÃO LINDO ASSIM EM SÃO PAULO.

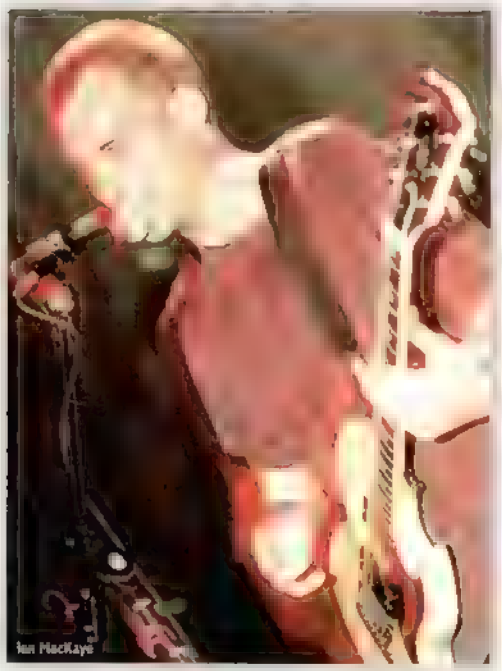
Agora, para os leitores do Estadão, os domingos serão sempre mais bonitos. E não é a nossa seção de meteorologia que diz isso. É o Primeiro Caderno inteiro. O Estadão está passando por uma completa reformulação gráfica. E, depois de mudar o Caderno 2, chegou a vez do Primeiro Caderno mostrar as suas novidades: uma cara nova, moderna, com páginas totalmente rediagramadas e distribuição de assuntos reorganizada, que você vai ter a semana toda no Estadão. Essas inovações estão sendo feitas a partir de pesquisas desenvolvidas no mundo todo, levando em conta tempo de leitura, visualização e facilidade para localizar as matérias. E elas não param por aqui. Até setembro, outras mudanças vão acontecer. Novo Primeiro Caderno do Estadão. Passe numa banca ou ligue para 9(011) 858-9000 e assine. Mesmo que feche o tempo e você passe o domingo em casa, vai ter alguma coisa bonita e interessante para você ver.

ESTADÃO
É muito mais jornal.

ZONA FRANCA

PAULADAS NA CABEÇA

O maior destaque: a faixa "Cassavetes", homenagem ao falecido cineasta John Cassavetes (ator em *O Bebê De Rosemary*, de Roman Polanski, e diretor de *Gloria*, com Gena Rowlands). É uma paulada no esquema comercial de Hollywood: "Controle total para Cassavetes/Se não está à venda, você não pode comprar/ Seu magnata dos olhos tristes abrindo a carteira/ Cassavetes, ele foi o único que falou a verdade". *ANDRÉ BARCINSKI*



Ian MacKaye

Fotos Roger Callahan

Os shows do **FUGAZI** sempre foram melhores que os discos. Ao vivo, o quarteto liderado pelo guitarrista/vocalista Ian MacKaye (ex-Minor Threat) é uma das melhores bandas do planeta.

Seu *hardcore* rimado com passagens jazzísticas explode no palco. A habilidade musical e a presença extraordinária que a banda tem ao vivo transformam qualquer show dos caras em um acontecimento memorável.

Em disco, eles perdem muito de sua força. Aliás, perdia, porque agora chegou **In On The Kill Taker** (Dischord), o quinto e mais bem gravado álbum da carreira da banda, e o mais fiel à sua força destruidora. O novo trabalho traz faixas mais simples e diretas. Os arranjos elaborados dos discos anteriores deram lugar a um punk rock mais econômico. Uma faixa como "Public Witness Program" parece Minor Threat versão anos 90.

As letras continuam entre as melhores do rock atual. Mesmo nas chamadas "canções de protesto" como "Returning The Screw", MacKaye e seus companheiros nunca apelam para aquela tradicional fórmula do tipo "sociedade-que-nos-oprime/vamos-destrui-la", preferindo povoar suas composições de imagens alegóricas e muito imaginativas.

Guy Picciotto

CHAMADO SELVAGEM

Paul Kimble, Grant Lee Phillips (na capa) e Joey Peters (à dir.)

Dez discos. Este foi o total de títulos lançados pela indie Nate, Starkman & Son, no final dos anos 80. Com uma produção refinada, tendo revelado bandas da west coast americana (Drowning Pool, Red Temple Spirits, Human Hands) que justapunham psicodelia, industrialismo, música étnica e abrasividades pós-punk de um modo incomum, as gravações do selo ainda hão de valer uma pequena fortuna em uns quinze, vinte anos.

Mas quem jamais ouviu essas raridades saberá o que andou perdendo com Fuzzy (Slash), a estréia do **GRANT LEE BUFFALO**. E que dois terços do grupo são egressos do melhor afiliado da extinta NS&S: o Shiva Burlesque. As influências são óbvias (Big Star, David Bowie, John Lennon, Nick Drake), mas o uso judicioso de arranjos elétricos/acústicos, letras personalíssimas vazadas em versos surreais e melodias apaixonantes fazem do trio uma grata surpresa. *ARTHUR G. COUTO DUARTE*

AS GRIAS MALDITAS DO PUSSY GALORE

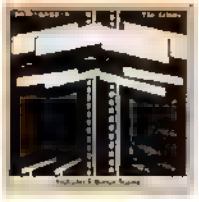
O Pussy Galore foi uma das bandas mais barulhentas e provocativas da cena *underground* americana dos anos 80. Acabou por volta de 90, dela surgindo o Boss Hog. Não satisfeito, seu vocalista e guitarrista formou o trio **JON SPENCER BLUES EXPLOSION**, com o baixista Judah Bauer e o baterista Russell Simins. **Extra Width** (Matador), o segundo trabalho lançado pelo grupo, é uma pauleira. Feito em quatro dias entre Memphis e Nova York, traz blues e rhythm'n'blues atacados com fúria e lubricidade, lembrando os Stooges no princípio da carreira. Uma das melhores bandas do momento. *DANIEL BENEVIDES*

BOSS HOG é um grupo nova-iorquino que atende pela pessoa de Cristina Martinez, principalmente. Mas tem "partes" do Unsane, dos Honeymoon Killers e do Pussy Galore – o nome é culpa do ex-Pussy Galore, Cristina, que tem o comando desse combo de proto-blues urbano que é um dos mais bem guardados do subterrâneo dos EUA. **Girl +**, novo mini-álbum (Amphetamine Reptile), traz uma barulheira festiva e intoxicada, (des)montando o desvario do Birthday Party, do Cramps etc. Presença ilustre do também Pussy Galore, Jon Spencer, da banda-irmã Jon Spencer Blues Explosion. *FABIO MASSARI*

TESOURO DA FRANCESA

Entre as únicas bandas francesas que fazem algo que presta, está o **TREPONEM PAL**, que vira adulto em **Excess And Overdrive** (Roadrunner). A fórmula neurótica, obsessiva e paranóica do som deles chegou ao estágio final de depuração, sem virar bundona. A maior influência é Young Gods. Também não é por menos: Franz Treichler, líder dos YG, produziu todos os discos do TP. As músicas, com arranjos cada vez mais lineares e o eterno vocal megafônico dos caras faz com que o álbum pareça um pouco repetitivo. Mas não é na repetição que se maximizam os efeitos de um pesadelo? E este grupo não é menos do que isso. É terror sonoro para embalar *bad trips* de pior espécie. Só não fique esperando que saia por aqui, porque o disco deles que foi lançado no Brasil – o primeiro, *Treponem Pal* – não vendeu mais do que cem cópias. *EVIL OTTO*

ZONA FRANCA



A se julgar pelo catalogo do novo selo alemão, Subway, a cena eletrônica vai bem, obrigado, com muito pouco daquela pasmaceira pseudo-nazista presente na *electronic body music*, a praga disseminada pelo Front 242.

Existe uma grande variedade de sons que, sem serem propriamente originais, retomam muito do bom humor e da saúde do tecnopop em seus bons dias. O bacana é que esse selo independente agora é representado aqui no Brasil pela Cri Du Chat, com CDs importados a preços bem razoáveis – vinte dólares.

A Subway, através da distribuidora alemã SPV, é a mesma que lança na Europa os discos da Cri Du Chat (como o do Símbolo e o da Individual Industry, além das coletâneas *Minimal Synth Ethics 1 & 2*). O endereço do selo para contatos é Al. Jau, 1512, tel. (011) 282-7077 CEP 0 420-002 – São Paulo (SP).

PACOTE DO SELO ELETRÔNICO ALEMÃO SUBWAY APORTA POR AQUI VIA A *INDIE* PAULISTA CRI DU CHAT

BEBORN BETON é uma das revelações da Subway. Pratica um tecnopop *mezzo* animadinho, *mezzo* melancólico (tipo Depeche Mode melhorado) e seu disco de estréia tem o nome de uma personagem de Shakespeare: **Tybalt**. "Twisted", de vocação radiofônica, mereceu um EP próprio, com quatro faixas inéditas ■ Já o grupo **MOON** é engraçado. Começou, com o EP **Salinas**, sub-The Cure e Sisters Of Mercy. Mas então, no álbum **Explain** deu a louca nos caras e eles inventaram um certo *rave dark*, no qual *loops* balançantes de bateria combinam-se com as guitarras recortadas de Cristoph Mause e convivem bem com o vozeirão cavernoso de Groppe. Tem até mesmo uma versão OK para o hit "Sweet Dreams (Are Made Of This)", dos Eurythmics ■ As programações do **NECROPHILISTIC ANODYNE** são bem áridas, estilão EBM mesmo. Mas as guitarradas de Andreas Verspohl e o humor meio bizarro do vocalista Ulf Bartes os levam para perto do rock industrial. O álbum **Raping Facts** tem músicas bem legais – vide "Driving Home" e a faixa-título. Só o remix para as pistas desta última, num EP à parte, é que não convence muito ■ **SECOND DECAY** se parece com a volta à infância do Kraftwerk, mais uma boa pirada de Gary Numan. O duo só usa sintetizadores antigos – com timbres de Moog e Arp Odyssey – no álbum **La Décadence Électronique**. Saudosista e curioso, é o Flash Gordon do pacote. Mas não são muito inspirados. a melhor música do disco é "Burning Car", de John Foxx (ex-Ultravox) ■ **NO COMMENT** é o mais chatinho deste pacote. O seu *subsonic* eletrônic do álbum **Drawback-Infect** e do EP de estréia, **Harmony**, não passa de EBM meuda a safada, com letras "assustadoras" sobre engenharia genética etc. Passe ■ Único não-alemão do selo, Andrew Szava-Kovats é um veterano americano com o seu **DATA-BANK-A**. A Subway pôs em catálogo seu primeiro álbum (**The Citadel.84**) e o mais recente (**Empty**). Ele já foi bem influente. O disco mais antigo tem quedinhas para a new wave. O novo é mais maduro, mas só funciona em músicas alheias – "Mrs. Jones" (Psychedelic Furs) e "I Don't Remember" (Peter Gabriel) – ou aos instrumentais "Suleyman Sings", "The Mob Remix").

ALEX ANTUNES

Depois de alcançar o primeiro posto da parada de seu país natal com um single em tributo a Bob Dylan, eis que o trio sul-africano **TRIBE AFTER TRIBE** lança o seu primeiro a bum, **Love Under Will** (Megaforce).

O disco combina elementos tradicionais africanos – destacando a percussão tribal de Barry Schneider (do projeto Shaluza Gumboot Dancers) – com rock de peso e qualidade.

Formado por Robbi Robb (voz/guitarra), Robby Whitelaw (baixo/vocais) e Chris Frazier (bateria), o grupo criou um estilo muito característico, que acabou resultando em ótimas surpresas sonoras entre o peso e o balanço percussivo. Para quem apreciar, outra sugestão é o CD single com o nome da segunda faixa do disco ("Ice Below"), com duas músicas-bônus que não estão no álbum.

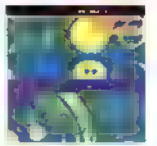
PAT GET

Seis faixas para matar a dor depois de terem debandado é o que o título do novo trabalho das **BABES IN TOYLAND** parece sugerir.

Isso não significa que **Painkillers** (Reprise) esteja aquém das possibilidades das meninas. É porrada da melhor qualidade. Apenas quatro faixas são inéditas. Duas foram co-produzidas por Jack Endino (o que leva a crer que, apesar de entrar em roubadas, ele já conseguiu fazer algo bom este ano); as outras duas, por Lee Ranaldo (Sonic Youth). O resto é um "vale a pena ouvir de novo", com a regravação da faixa "machona ao contrário", "He's My Thing", de *Spanking Machine* (90). "Fontanellette" – de quase 35 minutos – foi gravada ao vivo no CBGB's. Kat Bjelland (guitarra/vocal) exorcisa onze músicas, com Lori Barbero (bateria/vocal) e Maureen Herman (baixo) explodindo a cozinha. O mais longo EP da história ou um álbum *mezzo* estúdio, *mezzo* ao vivo? Difícil é crer no barulho que as garotas de Minneapolis detonam.

JOSÉ JULIO DO ESPÍRITO SANTO

SAIBA O QUE É TRANCE



Entre os novos ritmos da dance music, o *trance* vem sendo o mais comentado. As distinções entre ele e seus contemporâneos como *progressive house* e *dub house* são tão sutis que o ouvido leigo pode achar tudo a mesma coisa. O *trance* é mais duro, psicodélico e descende dos ritmos mais "brancos" da dance music como *acid house*, techno e eletrônicos belgas/alemães.

Pois a coletânea **Reactivate 7 – Aquasonic Trance** (React) mostra a que veio esse estilo (vale pesquisar os outros volumes da série *Reactivate* para ter um painel completo das ramificações do techno nos últimos três anos).

Para que é preciso se preocupar com a letra, a música e a melodia, se é possível fazer bem ao espírito apenas com um *groove* firme, forte e um gancho "viajandão"?

Prova disso é "Plastic Dreams", de **JAYDEE**, onde um submarino nuclear atravessa milhares de órgãozinhos sombrios e neuróticos. Talvez seja a melhor música do ano. Outros dos destaques são "You Better Take This", do **FIERCE RULLING DIVA**, "Quoth", do **POLYGON WINDOW**, "Odyssey", do **D-CODE** e "Anathema", do **ATAHUALPA** (nada a ver com o grupo homônimo gaúcho).

CAMILO ROCHA

mais lançamentos

BAD BRAINS • Rise (Epic) O funk-jazz-rock dos veteranos de Washington D.C. ataca de novo ■ **BAND OF SUSANS • Veil** (Restless) O sexteto nova-iorquino em seu quinto álbum ■ **THE BOO RADLEYS • Giant Step** (Creation) Depois do single "Lazarus", o álbum do aclamado quarteto inglês ■ **THE BREEDERS • Last Splash** (4AD) As meninas detonam o sucessor de Pod (90) ■ **ULTRAMARINE • United Kingdoms** (branco y negro) Novo álbum do grupo de dance music "progressiva" ■ **WARREN ZEVON • Learning To Flinch** (Giant) Disco gravado em 92, apenas com o compositor se alternando entre os teclados e o violão de doze cordas.

CP

OS REIS DA PRAIA

THE Beach BOYS GOOD VIBRATIONS

Pacote passa a limpo a história de Brian Wilson, brothers & friends

E o que é que você tem a ver com um grupo chamado **THE BEACH BOYS?** Muitíssimo, caros e caras: ecos do legado deles – principalmente da influência de Brian Wilson como compositor e arranjador sobre a geração atual do rock – podem ser encontrados nos discos de uma enorme variedade de artistas que hoje em dia frequentam as paradas alternativas, dos Boo Radleys a Frank Black, do Jellyfish ao World Party.

Ainda lendo? Para quem pegou o filme na metade, da cena em que Brian havia se distanciado de sua banda de trinta anos para trabalhar dirigido por um psiquiatra dominador, depois daquela em que o grupo havia se transformado em sinônimo de chatura pop, recomenda-se urgentemente a audição de **Good Vibrations** (Capitol), caixa de quatro CDs que reforça a importância deste marco na composição e no arranjo pop. Os discos narram a trajetória do grupo de forma cronológica, com a inclusão de trinta minutos de *Smile*, o lendário álbum que Brian nunca terminou, mas farto material inédito, como "H.E.L.P. Is On The Way". JOSÉ EMILIO RONDEAU

Brian em 66, na época das gravações do álbum *Pet Sounds*

O que tem a cor púrpura e vive no fundo do oceano? **MOBY GRAPE**

O nonsense do trocadilho em cima da baleia branca do livro de Melville – que talvez algum doido de ácido consiga entender – batizou um dos mais curiosos "grupos que não aconteceram" da galeria do rock'n'roll.

Em plena San Francisco safra 66/67, eles não destoavam em imagem e atitude de seus conterrâneos hippies como Jefferson Airplane, Grateful Dead e Quicksilver Messenger Service. Mas enquanto estes seguiam à risca a cartilha psicodélica de temas longos e improvisações, o MG se concentrava em canções bem delineadas, que fundiam o som ilsérgico a harmonias do folk rock de Los Angeles, via The Byrds e Buffalo Springfield.

O embrião do grupo se chamava The Frantics e tocava no circuito entre o norte da Califórnia e a hoje tão decantada Seattle. O núcleo era o guitarrista Jerry Miller, o baixista Bob Mosley e o baterista Don Stevenson. No fim de 66, eles foram para San Francisco na emergente onda psicodélica. Lá conheceram Peter Lewis (filho da atriz Loretta Young, que era líder e guitarrista da banda Peter And The Wolves) e Alexander "Skip" Spence (um canadense descolado na cena *freak*, que já havia tocado guitarra nos primórdios do Quicksilver Messenger Service e até batera no disco de estreia do Jefferson Airplane).

O quinteto teve uma projeção relâmpago, devido à afadigosa condução das guitarras de Spence/Miller/Lewis e ao entrosamento vocal. Mas não era só: todos os cinco eram compositores – e dos bons –, o que garantia não só a qualidade, mas também a diversidade de suas canções.

Então, qual a razão do ostracismo a que o MG foi relegado?

Os problemas começaram com o esquema surreal que cercou seu álbum de estréia homônimo. Descobertos pelo produtor David Rubinson, de bate-pronto eles assinaram com a Columbia. No início de 67, gravaram o disco em três semanas, praticamente ao vivo – à exceção dos vocais, Rubinson estava tão certo que seria uma tacada certeira que convenceu a gravadora a lançar dez das treze faixas em cinco compactos 45 rpm, simultaneamente!

O único a figurar na *Billboard* (88º) foi "Omaha", de "Skip" Spence. Esta estratégia comercial suicida culminou com a festa de lançamento, com direito a situações insólitas tais como uma chuva de dez mil orquídeas sobre os convidados (que ficaram levando tombos ao escorregar nas pétalas amassadas), setecentas garrafas de vinho e nenhum abridor, além da posterior prisão de Miller, Lewis e Spence por estarem portando maconha na companhia de três garotas menores de idade. A conduta pouco ortodoxa deles não agradou em nada à gravadora, já irritada por ter que "apagar" da foto na capa do álbum o dedo médio de Don Stevenson, em posição de "fuck you".

Assim, eles foram despachados para Nova York e intimados a fazer um disco mais "normal". O que saiu não foi exatamente isso mas *Wow*, uma colcha de retalhos remendada por sopros e cordas, que mesmo assim possuía vários momentos brilhantes. Nota: apesar da rotação original ser 33 rpm, o álbum tinha uma faixa para ser tocada em 78 rpm e era acompanhado pelo disco-bônus *Grape Jam*, com gravações ao vivo do grupo junto ao tecladista A. Kooper e ao guitarrista Mike Bloomfield.

À essa altura, a banda já dava os primeiros sintomas de desintegração, com Spence cada vez mais encharcando-se de LSD e cometendo loucuras como correr por um hotel atrás de Don Stevenson com um machado! "Skip" não tardou em abandonar o grupo, que logo se desfez para voltar em seguida sem ele, no álbum *Moby Grape 69*, guiado para o country e o rhythm'n'blues. Já sem Mosley, o trio remanescente fez *Truly Fine Citizen* em 70, um disco ainda mais voltado para a música de raízes e que foi o real epitáfio do MG.

Depois disso, seus membros tentaram se reunir por várias vezes, eventualmente usando nomes diferentes devido ao fato de um antigo *manager* possuir a posse legal da marca Moby Grape. E tome Mosley Grape, Maby Grape, The (Original) Grape, The Melvilles. Tudo muito certo, mas um tanto em vão. A verdadeira pérola foi cultivada na loucura dos primeiros anos do Moby Grape e permaneceu oculta nas profundezas. CELSO PUCCI

Alexander "Skip" Spence, Jerry Miller, Bob Mosley (à frente), Don Stevenson & Peter Lewis

JUKEBOX Moby Grape

DISCO SELECIONADO

Vintage – The Very Best Of Moby Grape (93, Legacy/Columbia):

CD duplo que contém o primeiro álbum na íntegra, o essencial dos dois posteriores e duas faixas de *Truly Fine Citizen*, mais outtakes, músicas inéditas e gravações ao vivo. Além das canções remasterizadas em estéreo (apenas "Hey Grandma" e "Omaha" aparecem também na versão do single original, em mono), vale notar a boa idéia da produção, mantendo as partes mais pitorescas de contagens, começos falsos, diálogos e xingamentos entre os músicos e o técnico de som, mais outros cacos. O livreto, apesar da apresentação pobre é bem informativo.

REPLAY

NAS MÃOS DE DEUS

Em 65, quando os Yardbirds passavam do rhythm'n'blues para o pop psicodélico, **ERIC CLAPTON** abandonava o barco para continuar fazendo o que queria. Um ano depois já era famoso o slogan "Clapton é Deus" – da guitarra, claro. Há quem ache que isso foi pura estratégia de marketing, mas o fato é que Clapton (nascido Eric Patrick Clapp, em Ripley, a 30 de março de 45) colocou no paraíso as bandas pelas quais passou.

Dez álbuns e uma compilação de Eric Clapton ressurgem em CD por aqui

Não é à toa que se fala em Bluesbreakers, Cream e Blind Faith até hoje. Na carona das premiações e do sucesso da lacrimosa "Tears In Heaven", a PolyGram lança pela série Collectables um pacote que compreende onze CDs do guitarrista, desde o início de sua carreira solo. São eles:

Eric Clapton (70) Gravado em Los Angeles no mesmo ano que reuniu amigos para formar Derek And The Dominos, este *debut* solo trazia a cover de "After Midnight" de J.J. Cale. ■ **Eric Clapton's Rainbow Concert** (73) Registro de um show organizado por Pete Townshend no intuito de colocar o amigo de volta ao circuito e se livrar do vício da heroína. Ron Wood e Jim Capaldi também compareceram. ■ **461 Ocean Boulevard** (74) O nome do disco é o endereço do estúdio em Miami, onde foi gravado. "I Shot The Sheriff", cover de Bob Marley, foi o grande sucesso do álbum. ■ **There's One In Every Crowd** (75) Álbum em que Clapton mostrava seus dotes para os *spirituals*, caso de "Swing Low Sweet Chariot". ■ **E.C. Was Here** (75) Gravado ao vivo, traz a George Terry na maioria das guitarras e a cover de "Knockin' On Heaven's Door", de Bob Dylan. ■ **No Reason To Cry** (76) Contava com participações de Bob Dylan e The Band. ■ **Slowhand** (78) O título era o apelido de Clapton, dado pelo empresário dos Yardbirds, Giorgio Gomelsky. Apresentava "Lay Down Sally", "Cocaine" (cover de J.J. Cale) e "Wonderful Tonight" (dedicada à Patti Boyd, que se casou com Clapton em 79). A partir daí os discos passaram a ser creditados a Eric Clapton And His Band. ■ **Backless** (78) Tinha o hit "Promises". ■ **Just One Night** (80) Com uma nova banda de apoio, este álbum duplo foi o registro de um show no teatro Budokan no Japão. ■ **Another Ticket** (81) Contando com o hit "I Can't Stand It", este disco veio num ano de pouca sorte para o guitarrista – Clapton foi duas vezes para o hospital, com uma úlcera e em seguida com ferimentos de um acidente automobilístico. No mesmo ano, ele saiu da RSO para criar seu próprio selo, Duck. ■ **Blind Faith** (84) Compilação cheia de músicas que o guitarrista tocava em outras bandas, caso de "Presence of the Lord" (John Mayall's Bluesbreakers), "Sunshine Of Your Love" (Cream) e "Layla" (Derek And The Dominos). Trazia ainda seus singles de sucesso até então. Para quem quiser uma indicação a palavra é do "Deus": esta coletânea funciona como uma primeira aula. *JOSÉ JULIO DO ESPIRITO SANTO*

ALBERT COLLINS, CLARENCE "GATEMOUTH" BROWN, OTIS RUSH, LOONIE BROOKS e um **SONNY TERRY** acompanhado de **WILLIE DIXON** e de **JOHNNY WINTER**. Eba! Mas, deste pacote de blues da gravadora Alligator que a Warner está lançando no Brasil, o disco principal é **Buddy Guy & Junior Wells Play The Blues**.

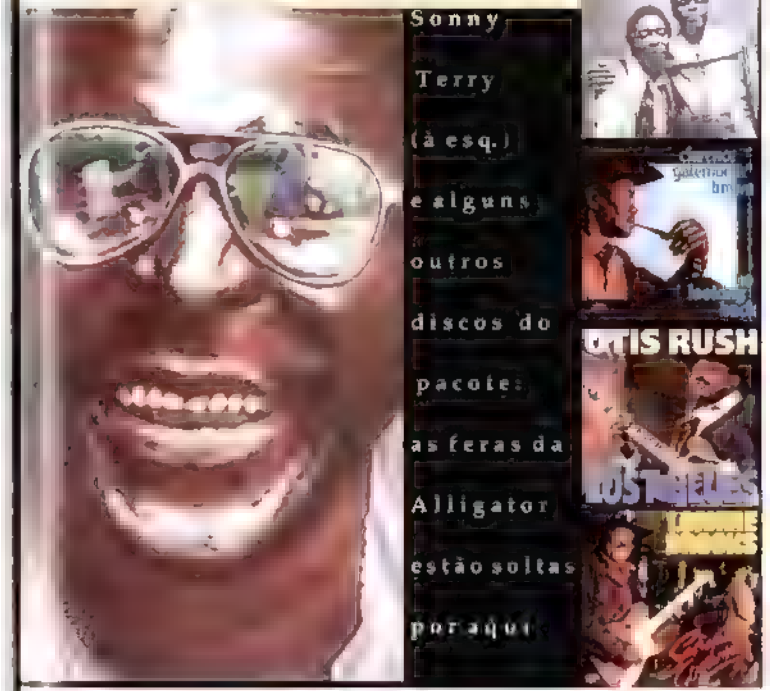
Foi idéia de Eric Clapton gravar o guitarrista **BUDDY GUY** junto ao gaitista **JUNIOR WELLS** sem grandes esquemas de produção ou overdubs, para conseguir a espontaneidade das gravações clássicas da Chess. Para acompanhá-los, uma superbanda: feras do blues de Chicago, como o baixista Leroy Stewart e o saxofonista A.C. Reed, além do baterista Jim Gordon (Derek And The Dominos) e o pianista Dr. John. Para completar o luxo, Eric Clapton, humildemente na guitarra base. Na produção, além de Clapton, os veteranos Tom Dowd e Ahmet Ertegun. Gravado em poucos dias em outubro de 70, o disco se perdeu no meio das burocracias da gravadora e só foi lançado em 72. Perto deste álbum, **Alone & Acoustic**, gravado pela mesma dupla, não passa de uma curiosidade. Gravado em Bath, em Paris, é o que o nome diz: um disco só de violão e vocal.

Whoopin', de Sonny Terry, acompanhado de Willie Dixon e Johnny Winter (que acumulou a função de produtor), era um álbum quase acústico, mas bem melhor. Foi um dos últimos trabalhos do gaitista, que já estava meio aposentado na época e morreu logo depois deste disco ter sido gravado.

Don't Lose Your Cool foi um dos grandes discos de Albert Collins. Começava já com uma paulada, "Get To Gettin'", uma homenagem ao autor da música, o pianista Walter Price. Seguia com outra homenagem ao compositor e cantor Percy Mayfield (autor de "Hit The Road, Jack", o grande hit de Ray Charles) com a faixa "My Mind Is Trying To Leave Me". O toque de Mayfield aparecia claramente no jeito de Albert Collins cantar. "But I Was Cool" mas era bem mais forte no estilo **No Looking Back**, de Clarence "Gatemouth" Brown, uma fusão caipira de jazz e blues, em que ele chega ao ponto de gravar até "C-Jam Blues", de Duke Ellington.

Para completar o pacote, o blues tipico de Chicago detonado pelo guitarrista Otis Rush em **Lost In The Blues** e Loonie Brooks, outro as da guitarra, chegando com pique e com um adomais rock'n'roll em **Satisfaction Guaranteed**. *ROGÉRIO DE CAMPOS*

UM PUNHADO DE BLUES



"UM CHOPPS & DOIS PASTEL"

O mestre do samba "paulistês" em versão digital

Que túmulo do samba, que nada! Ao se referir assim a São Paulo, Vinicius de Moraes parece não ter levado em conta **ADONIRAN BARBOSA**, de quem inclusive foi parceiro.

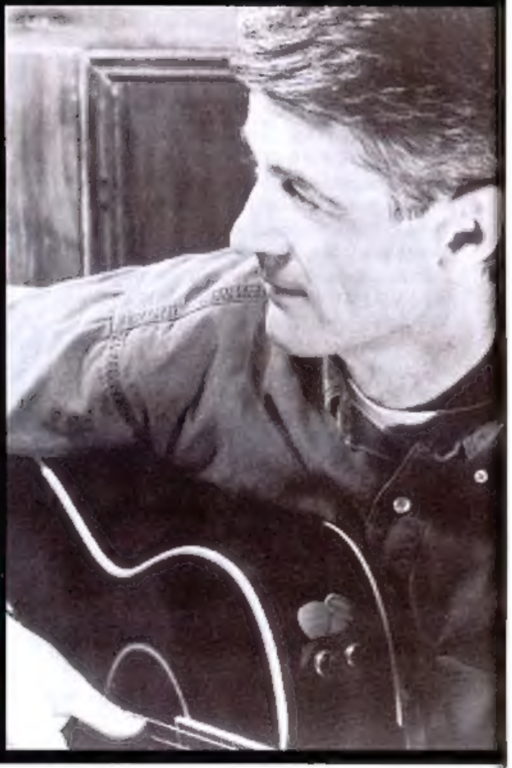
A hora é boa para reavaliar o seu trabalho, que reaparece em CD na série 2 Em Um da EMI-Odeon, numa dobradinha com um álbum que leva seu nome (de 75) e **Adoniran E Convidados** (de 80).

Impossível que você já não tenha ouvido "Trem Das Onze" e "Saudosa Maloca", duas das mais famosas gemas deste sambista. Natural de Valinhos, interior de São Paulo, foi como compositor urbano que ele se projetou a partir da década de 30. Em seus sambas com temas do cotidiano, incorporava a herança caipira e italiana na fala urbana paulistana, celebrando as rodas boêmias do Brás e do Bexiga, além de lugares como Mooca, Casa Verde, Jaçanã, Av. São João, Viaduto Santa Efigênia.

São dele pérolas do "paulistês" como "Nós Fumo E Não Encontremo Ninguém" ("Samba Do Arnesto"), "Pra Me Judiar Pafunça, Nem Meu Nome Tu Pronunça" ("Pafunça") e outras do disco de 75. Do álbum com convidados destacam-se faixas como "Tiro Ao Álvaro" (com Elis Regina) e "Aguenta A Mão, João" (com Djavan), mas este trabalho já encontrou o sambista um tanto debilitado – ele morreria em 82, aos 72 anos. Mas deixaria suas marcas registradas, o papo maroto, o bigodinho aparado, os indefectíveis chapéu/gravata-borboleta e sambas imortais. *CÉLIO PUCCI*

REPLAY

IDÉIAS PROGRESSIVAS



Distribuídos no Brasil quatro CDs do mentor do Van Der Graaf Generator

A em todo egresso do rock progressivo é chato e datadão. Robert Fripp está voltando com o King Crimson e continua influenciando bandas "modernex" como o Primus. Peter Gabriel tem lá seus – muitos – fãs. Não tão conhecido, mas com uma carreira (solo ou junto ao Van Der Graaf Generator) beirando o sublime, está **PETER HAMMILL**.

Vocalista fantástico, guitarrista, pianista, compositor e letrista de recursos, lançou 34 álbuns, mais da metade em seu próprio nome.

O VDGG começou a atuar no fim da década de 60, mas desde o início da década seguinte, Hammill começou a alternar discos solo. Ao contrário de Bryan Ferry (que reservava para fora do Roxy Music seu lado mais *crooner*), ele frequentemente conseguiu ser – solo – tão ou mais arrojado que sua banda de origem.

De seus trabalhos individuais, participaram membros originais do VDGG, como o baterista Guy Evans e o saxofonista David Jackson. Há dois anos, ele lançou seu próprio selo, o Fiel, agora distribuído no Brasil pela Low Life – Cx. Postal 6.700/CEP 01064-900/São Paulo (SP). Por lá, saíram seus dois últimos discos, **Fireships** e **The Noise**. Hammill também relançou dois álbuns que fez com a K Band: **Enter K** (82) e **Patience** (83). Estes pertencem à sua fase mais eletrônica/experimental e influenciada pela new wave, iniciada em 81 com o álbum *Sitting Targets* (que gravou quase sozinho, com uma mãozinha de Jackson/Evans e do percussionista Morris Peter). *Enter K* deu sequência ao lance, com uma banda: Evans mais o baixista Nic Potter (outro participante do VDGG), o guitarrista John Ellis (ex-The Vibrators, atualmente nos Stranglers) e Jackson em duas faixas. Pode aporrinhar os fãs progressivos mais ortodoxos, pelas "quedinhas" *disco/rock* urdidas pelo baixo de Potter e pela guitarra de Ellis. Mas tem aquelas passagens lentonas, com piano e voz, para compensar. Mais comportado é *Patience*, com climas mais identificáveis para velhos fãs. Investe pesado, porém, no experimentalismo de "Comfortable", estranhíssima trama de sopros, percussões e breques no andamento.

Depois de três discos pelo selo americano Enigma, Hammill editou *Fireships*. Gravado com o tecladista/arranjador David Lord, o disco apresentava um forte lado orquestral, mais as presenças de Potter, Jackson, Ellis e do violinista Stuart Gordon. Se praticamente não tinha bateria (mais percussões), o posterior *The Noise* (93) trouxe um impacto drástico, com o insubstituível Evans trocado por Manny Elias (baterista do comecinho dos Tears For Fears). Nunca Hammill soou tão convencional, em caídas para o rhythm'n'blues ("Where The Mooch Is", "A Kick To Kill The Kiss") e o pop ("Like A Shot, The Entertainer"). Para quem não o conhece a fundo é OK, mas melhor tentar os outros antes. *ALEX ANTUNES*

NACIONAIS NAS PRATELEIRAS IMPORTADOS

AUSTRALIAN CRAWL • Crawl File – Their Greatest Hits (EMI-Odeon) Catorze faixas tiradas dos álbuns *The Boys Light Up* (80), *Sirocco* (81), *Sons Of Beaches* (82) e *Semantics* (83), todos inéditos no Brasil ■ **DIRE STRAITS • Dire Straits/Communiqué/Making Movies/Love Over Gold** (PolyGram) Relançamentos com a melhor fase da banda de Mark Knopfler ■ **DURAN DURAN • Decade** (EMI-Odeon) Reeditada em CD a coletânea com Simon LeBon & Cia. ■ **HUEY LEWIS AND THE NEWS • The Heart Of Rock'N'Roll – The Best Of Huey Lewis And The News** (EMI-Odeon) Apanhado de hits do líder nova-iorquino ■ **PREFAB SPROUT • Steve McQueen** (Sony) Terceiro álbum do grupo de Paddy McAloon, produzido por Thomas Dolby ■ **RENAISSANCE • Novella/A Song For All Seasons/Azure D'Or** (Warner) Três álbuns originalmente de 77, 78 e 79, com o folk progressivo da vocalista Annie Haslam e sua turma.

BEN E. KING • The Ben E. King Anthology (Rhino) São cinquenta faixas em dois CDs, incluindo faixas com The Drifters ■ **CLYDE McPHATTER • Deep Sea Ball/THE DRIFTERS • Let The Boogie Woogie Roll – The Greatest Hits (1953-1958) • All The Greatest Hits & More (1959-1965)** (Atlantic) Solo do lead singer dos Drifters e dois CDs do grupo, com McPhatter, Ben E. King e sucessores ■ **DAVE EDMUNDS • The Dave Edmunds Anthology** (Rhino) Reúne trabalhos de 68 a 90 do rocker galês ■ **DEVO • Q: Are We Not Men? A: We Are Devo/Devo Live • Duty Now From The Future/New Traditionalists • Oh No, It's Devo/Freedom Of Choice** (Virgin) Três CDs, cada um com dois álbuns, respectivamente de 78/81, 79/81 e 82/80 ■ **THE J. GEILS BAND • The J. Geils Band Anthology** (Rhino) CD duplo, com faixas raras ■ **THE SONICS • Psycho-Sonic** (Big Beat) O fino da lendária garage band sessentista. *CP*

EDITORA AZUL

Fundador VICTOR CIVITA (1907-1990)

Diretoria

Diretor Superintendente:

BIZZ

Diretor - Gerente:

REDAÇÃO

Diretor: **Redator-Chefe:** **Editor:** **Editor de Arte:** **Redator:** **Repórter:** **Coordenador de Produção:** **Diagramadores:** **Correspondentes:** **Colaboradores – Texto:** **Fotografia:** **Revisão e Preparação de Texto:** **Ilustradores:** **Arte:**

PUBLICIDADE

Diretor de Publicidade: **Supervisores de Contas:** **Gerente:** **Contatos:** **Marketing Publicitário:** **Coordenadores:**

COMERCIAL

Diretora: **Gerente de Planejamento e Controle:** **Gerente de Produto:** **Gerente de Promoções:**

Diretor Administrativo e Financeiro: **Azul Press-Gerente:** **Operações Editoriais:** **Diretora Responsável:**

BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação e Correspondência:** **Rio de Janeiro:** **Distribuidor em Portugal:** **Assinaturas:** **Números atrasados:** **Serviço ao assinante:**

ANER **Fotolito:** IVC

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

CONTIGO

BIZZ

LETRAS TRADUZIDAS

SET

SET 1000 VIDEOS

OS CAMINHOS DA TERRA

FLUIR

BOA FORMA

HORÓSCOPO

HORÓSCOPO ANUAL

SAÚDE É VITAL

CARÍCIA

AÇÃO GAMES

NOSSOS ENDEREÇOS

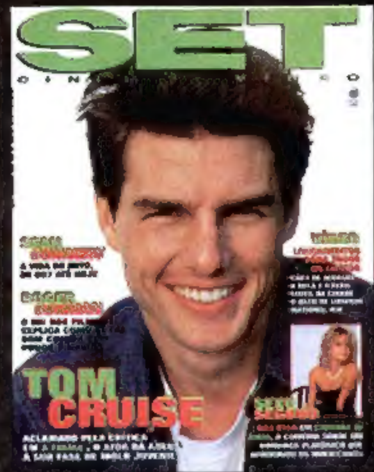
São Paulo: **Rio de Janeiro:** **Los Angeles (EUA):** **Nova York:** **Paris:**

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: **Campinas:** **Minas Gerais:** **Paraná:** **Rio Grande do Sul:** **Santa Catarina:**

QUEM LÊ *SET* NÃO VAI AO CINEMA NO ESCURO.

A revista ***SET*** desse mês traz uma entrevista exclusiva com Tom Cruise. O astro conta tudo sobre **A Firma**, o filme que está lotando os cinemas americanos e que promete arrasar também no Brasil.



Revista ***SET***. Uma luz pra quem curte cinema e vídeo.

NAS BANCAS

U2

Odiei a reportagem do U2 que o crítico de merda André Forastieri fez. Ele só colocou o grupo no chão. Pô cara, se liga! [illegible] que o Bono Vox está virando bicha, o que importa é que a voz dele continua a mesma. O Freddie Mercury se vestia de mulher e ninguém falava nada.

Sabrina Braga Vieira
Porto Alegre/RS

A capa da BIZZ com o homem mais lindo do Universo (o Bono, é claro) estava demais.

Yivian Vicky Franco Abdalla
São Gonçalo/RJ

Bono, o garoto que ia mudar o mundo, só não conseguiu isso porque o mundo o mudou primeiro: o transformou em bicha. Qual é, meu? O U2 era a maior banda de rock do mundo e agora é a mais famosa gangue de [illegible] do mundo.

Karin Cristina Loperuta
Bauru/SP

O que aconteceu com a revista? Que capa horrorosa essa do mês de julho, o U2 merecia coisa muito melhor. A BIZZ está parecendo revista [illegible] da Xuxa, uma merda. Esse tal "André Forastieri" [illegible] parece um [illegible] com esse editorial [illegible] de quem chegou e quem saiu. Não queremos saber disso, queremos rock.

Adriana Ferreira de L. e Costa
João Pessoa/PB

TAPAS E TAPAS

Sou assinante do putrefato resíduo impresso conhecido como o excremento de BIZZ. Refleti por algum tempo em perder minutos preciosos de minha vida diante da velha máquina de escrever para lhes mandar minha opinião da mesma forma sensata, honesta e respeitosa com que vocês [illegible] seus leitores bundões.

Vocês são muito preconceituosos, tratando com [illegible] parcialidade tendências e gêneros que não são do gosto de suas repulsivas almas. Ficam ganhando a vida ouvindo música e escrevendo [illegible] em uma revista de circulação nacional. Sinto-me lesado nos meus direitos de consumidor por essa debilóide seção denominada Cartas. Agradeceria se o suspense dos idiotas que esperam ver seus nomes publicados na revista fosse frustrado e as bobagens dessa seção ficassem apenas entre o imbecil que escreve e vocês, que têm a penitência infernal de ler e selecionar a mesma respectiva merda.

Sem mais, pau no cu de todos e um grande abraço. Estarei com vocês por muito tempo, meus filhos.

Nousanira Jardim Filho
Belém/PA

Essa nova revista BIZZ está uma merda. O que há? Vocês estão [illegible]? Quando a [illegible] eu não [illegible] em cima dela.

Luiz Carlos
Cuiabá/MT

ENFIM, UM POUCO DE APOIO

Leio a revista há seis meses e estou apavorada com o palavreado que os leitores usam nas cartas para a BIZZ. Principalmente as meninas, mas que horror! Que baixo nível desse pessoal.

Rebecca Bittencourt
Resende/RJ

Fico indignado com algumas das críticas grotescas que são enviadas à redação por alguns loucos e idiotas.

Renatinho
Rio do Sul/SC

Meter o pau é bom mas tem limite. Não vale botar no meio a mãe do pessoal da redação. Pega leve, galera!

Priscila Pereira
São Paulo/SP

Eu não sei como vocês podem publicar cartas tão estúpidas de umas pessoas tão egoístas que pensam que a revista é feita só para eles.

Rosa Maria dos Santos
Goiânia/GO

Fiquei puto quando li críticas de alguns leitores dizendo que a BIZZ é uma merda e que não mudou nada. Dou nota dez para a revista [illegible] e [illegible] para os leitores bundões que não sabem o que querem. Vão todos à [illegible].

Marcello Guedes
Jundiaí/SP

Encuanto alguns leitores [illegible] metem o pau na BIZZ, quase sem motivos, a revista está sendo muito disputada aqui em Corinto. Será que não estão vendo que os coitados dos críticos dão duro para fazer o melhor. E ainda tem gente que reclama.

Nábia de Cássia
Corinto/MG

Forçando ou não, a BIZZ ainda continua sendo a melhor revista do mundo. Ela só perde para a [illegible].

Márcia Andrade
Pará de Minas/MG

A BIZZ nem parece uma revista brasileira. Agora quando saio com ela debaixo do braço as pessoas na rua me perguntam se ela é nacional. Eu respondo, com muito orgulho, que sim. Meus parabéns.

Marcelo Bezerra Vieira
São Paulo/SP

FEIOS, VIADOS E DROGADOS

Quando li a carta do babaca, idiota, imbecil e cabeça-chata chamado Brasiliano de Mello, na BIZZ 96, me deu vontade de [illegible] aquele moleque. Dizer que Sepultura, Nirvana e Ratos De Porão não fazem música e ainda confessar que escuta Djavan, Caetano, Zé Ramalho... Pelo amor de Deus! Ele chama esses caras de viados, quando quem anda de saias por aí é o Caetano. Esse tal de Brasiliano é o mais pango dos pangos. Deve ter vindo da Pangolândia para falar tanta besteira. Se esse cara morasse na minha cidade, eu o encontraria em uma quebrada por aí e mandava ele para o espaço. Assim, ele ia ficar ouvindo Caetano debaixo dos cara[illegible] dos seus [illegible].

Paulo Adriano Niederauer
Passo Fundo/RS

Um recado para o sr. Brasiliano de Mello: imbecil é sua mãe. Drogado é [illegible] que te pariu. Vá comer rapadura com farinha, seu animal.

Ana Carla Sampaio Figueiredo
São Paulo/SP

Meu caro [illegible] de [illegible], sua cabeça está em qualquer lugar, menos onde deveria. Djavan (nego castelano), Caetano (esse sim, é viado), Chico Buarque ([illegible]), Zé Ramalho (monstro do Loch Ness), o que eles fizeram, fazem ou farão de importante para os nossos ouvidos? Nada!

Brasiliano, se tu já está de "saco cheio" [illegible] é que tu lês estas coisas [illegible] das matérias desta revista [illegible] é a melhor deste país de merda [illegible] compre [illegible] religiosos e [illegible] galinhas bicarem, que deve [illegible]. Cara, tu deveria ficar [illegible] numa cela estofada para não se matar de tanto se debater em suas viagens religiosas/psicopatas.

Josué Pokoski
Guaíba/RS

Parabéns ao leitor Brasiliano de Mello, que reclamou a falta de espaço na BIZZ dos nossos "reais valores musicais". Coleciono a revista desde o primeiro número e posso contar nos dedos quando [illegible] matérias com Gil, Djavan, Zé Ramalho (pode ser tão [illegible]), Caetano ou [illegible]. Quero lembrar que essa gente ainda existe!

Silene Amorim do Nascimento
Manaus/AM

D&B
discoteca básica

BIG STAR
#1 Record/Radio City

PERFORMANCE

Lançamento: 1972/1974 (As datas são das edições originais dos álbuns, sendo que ambos foram relançados juntos num só pacote duplo britânico em 1978, ressurgindo como um CD simples em 1990 na Inglaterra e na Alemanha e em 1992 nos EUA) **Produção:** Não creditada **Faixas:** (*#1 Record*) "Feel" • "The Ballad Of El Goodo" • "In The Street" • "Thirteen" • "Don't Lie To Me" • "The India Song" • "When My Baby's Beside Me" • "My Life Is Right" • "Give Me Another Chance" • "Try Again" • "Watch The Sunrise" • "ST 100/6" (*Radio City*) "O My Soul" • "Life Is White" • "Way Out West" • "What's Going Ahn" • "You Get What You Deserve/Mod Lang" • "Back Of A Car" • "Daisy Glaze" • "She's A Mover" • "September Gurls" • "Morpha Too" • "I'm In Love With A Girl" **Notas:** Apesar da influência exercida pelos dois álbuns, ambos nunca chegaram às paradas, bem como nenhuma de suas faixas como single • Disponível em CD nos EUA, Inglaterra, Alemanha. No Brasil, nenhum deles jamais foi editado em qualquer formato.

Há momentos em que Deus escreve torto por linhas certas. Num deles, o Big Star surgiu e em pouco tempo desapareceu.

Tudo começou na lendária Memphis, berço do blues, rockabilly e soul, onde Alex Chilton, um garoto de dezesseis anos, começava sua errática carreira à frente dos Box Tops, um grupo de *blue eyed soul*, à maneira dos Righteous Brothers. Lançaram "The Letter" em 67, que ficou quatro semanas no topo da parada americana. Seguiram-se mais seis sucessos, turnês com os Beach Boys, com os Doors e muitos desentendimentos, até que ele abandonou a banda em pleno palco, durante um show, no fim de 69.

Parecia que não tolerava que produtores lhe dissessem o que fazer. Por isso preferiu seguir solo. Gravou várias demos (depois recolhidas na compilação *Lost Decade*) e partiu com a cara e a coragem para Nova York, como *folksinger*. Não deu certo. Voltando a Memphis, encontrou-se com o antigo colega de escola, Chris Bell – também guitarrista/compositor. Este, por pouco (devido ao atraso no primeiro ensaio) não participou dos Box Tops. Bell, mais o baixista Andy Hummel e o baterista Jody Stephens, tinham o grupo Ice Water. Com a entrada de Chilton, mudaram para Big Star, nome de um supermercado perto do estúdio Ardent (do selo Stax), onde ensaiavam e gravavam.

Em abril de 72, estrearam com uma obra-prima – o álbum *#1 Record*. Com influências dos Beatles, dos Kinks, dos Beach Boys e dos Byrds, trazia algumas das melhores *pop songs* da dupla Bell/Chilton – "The Ballad Of El Goodo", "Thirteen", "Don't Lie To Me" e "When My Baby's Beside Me". Mas a Stax, mais ocupada com os artistas de r&b, não distribuiu bem o disco, que vendeu pouco.

Para piorar, Bell e Chilton, mergulhados em drogas pesadas, não paravam de brigar e Bell terminou por deixar o grupo. Isso fez de *Radio City* – segunda obra-prima – um álbum mais cru, mais rock, menos polido. Lançado em 74, foi igualmente aclamado pela crítica e muito mal distribuído. Poucos ouviram "You Get What You Deserve", "Back Of A Car", "Daisy Glaze" ou "September Gurls". Andy Hummel saiu do grupo, deixando que Chilton e Stephens fizessem o sombrio *Third*, ou *Sister Lovers*, com músicos convidados. Bell, essencial na história do Big Star, morreria num acidente de carro em 79, deixando o maravilhoso disco solo, *I Am The Cosmos*.

E assim o grupo acabou. Hoje o Big Star, que voltou a tocar em 93 numa universidade do Missouri e no festival de Reading, é comparado em termos de influência (que o digam The Replacements, R.E.M., The dB's, The Posies etc.), ao Velvet Underground. E aí não há nenhum exagero. *DANIEL BENEVIDES*

OKOTÔ
VISION STREET WEAR
MONSTRO
INCLUINDO
GIVE ME YOUR MONEY
E
HOW SHOULD I KNOW
JÁ À VENDA
OKOTÔ

Direitos autorais administrados por

RONDOR MUSIC INTERNATIONAL

WARNER/CHAPPELL MUSIC, (BRASIL)